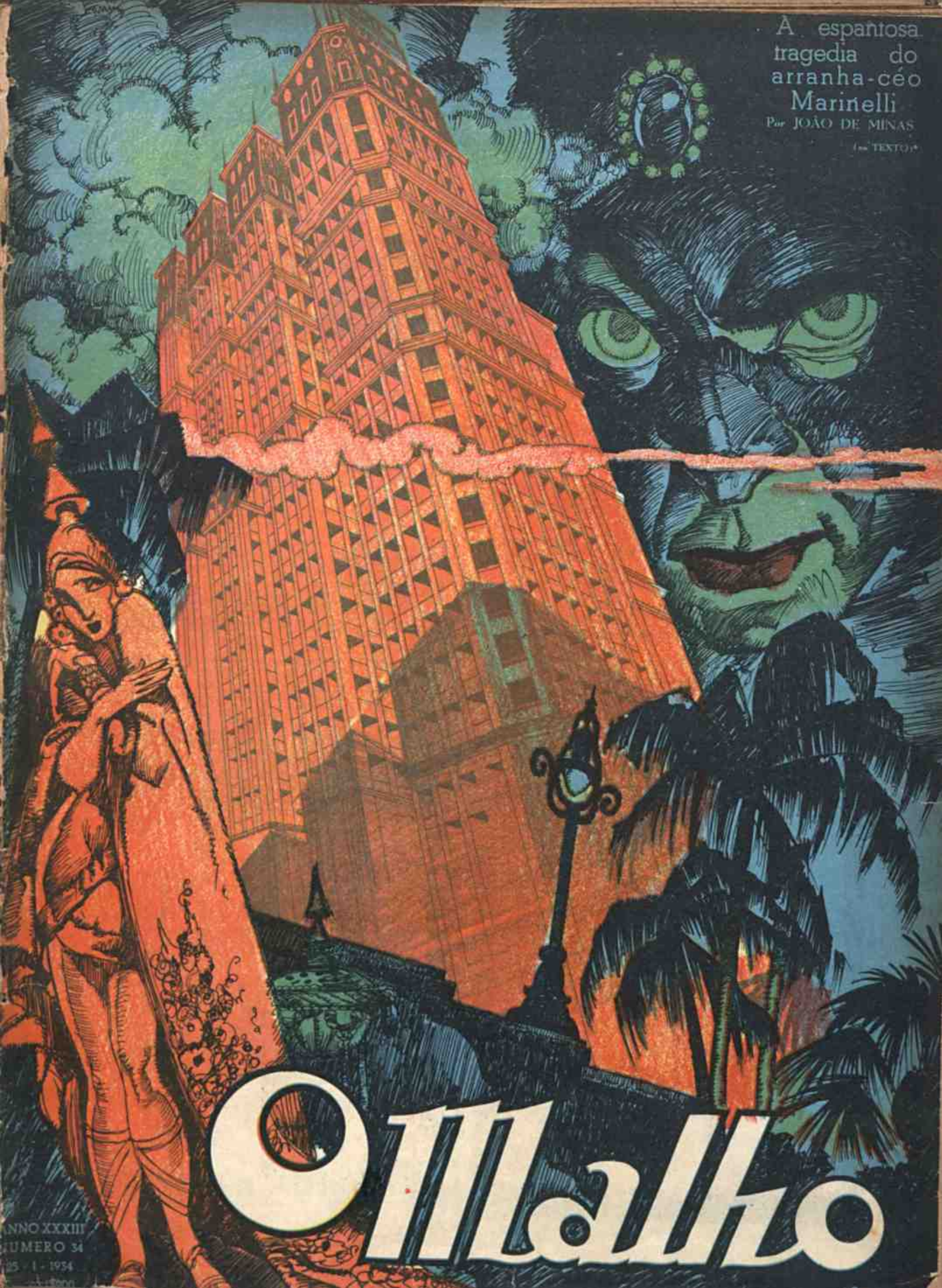
A espantosa tragedia do arranha-céo Marinelli
Por JOÃO DE MINAS
(no TEXTO)
O Malho
ANNO XXXIII
NUMERO 34
25 - 1 - 1934

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Bolivia, Perú, etc.

PREÇO — 4$000

Correio da Manhã

A Irlanda vive horas de espectativa e de intranquillidade

FOI NOMEADO O NOVO INTERVENTOR DE S. PAULO, QUE JÁ HONTEM PRESTOU COMPROMISSO NO MINISTERIO DA JUSTIÇA

O "Correio da Manhã" é o orgão de maior diffusão em todo o Brasil, mantendo completo serviço de informações internacionaes, politicas, commerciaes, industriaes e sobre agricultura e em geral de todos os assumptos, distribuindo aos Domingos um bem cuidado supplemento litterario, recreativo e illustrado.

NOTA IMPORTANTE:

Assignaturas

Annuaes ... 70$000

Semestraes ... 40$000

Toda a correspondencia que se referir a este assumpto, quer ordinaria, quer registrada, e bem assim os vales postaes ou cheques, deve ser dirigida ao gerente Snr. Luiz Ayres. — Avenida Gomes Freire, 81/83. Rio de Janeiro.

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

ANNO XXXII NUMERO 34

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil { 1$200

Assignaturas: { Annual .... 60$000 / Semestral ...... 30$000

Redacção e administração

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 e 2-8073 - Caixa Postal, 880

RIO DE JANEIRO

▲

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição destacamos:

VOLTA DO PASSADO

Conto de Medeiros e Albuquerque

UM FLAGELLO DO BRASIL

Pelo Dr. Alfranio do Amaral, director do Instituto Butantan de São Paulo.

O MUNDO DE AMANHÃ

Por Epaminondas Martins

O BAILE DOS NEGROS NA COBERTA

Por Carlos Maul

ACREDITEM OU NÃO...

Por Storni

AMBIÇÃO DE AMOR

Conto de Jorge Assis

CAIXA D'O MALHO

AVISO IMPORTANTE

Os originaes enviados a esta secção não serão devolvidos, de forma alguma, sejam ou não acceitos para publicidade.

GUARANY (Rio) — Se eu não lutasse com tanta falta de espaço, aproveitaria os seus "Cantares". Mas "O Malho" tem tanta collaboração á espera de uma vaga, que sou obrigado a só aproveitar as muito bôas. "O Amor" e "Falta de Assumpto" andam ás turras com a metrica.

NOVATO (Avaré) — Não estão muito maus, mas não merecem publicidade.

AUGUSTO PINHO (Rio) — "O Malho" agradece a sua collaboração. Entretanto, o assumpto perdeu a sua opportunidade e é um genero mais infantil do que propriamente ao geito d'"O Malho".

ZE' DA VIOLA (Villa do Cedro, Sergipe) — Aqui todas as cartas têm resposta, desde que cheguem direitinhas ao seu destino. Quanto á sua ultima remessa, os versos são demasiadamente sentimentaes, decahindo, facilmente, numa pieguice chan, pontilhada de logares communs. 30 annos atrás, elles fariam um bruto successo, mas, felizmente, acabou-se a época da poesia lacrimogenia.

CHERMONT DE ALMEIDA (Natal) — Os seus versos se contradizem, flagrantemente. Onde V. já viu um poeta futurista "tanger a lira" e "despertar trovadores adormecidos de velhice"?

Essas imagens passadistas... passariam, se a poesia tivesse idéas e outras imagens audaciosas e novas que se tem direito de exigir em versos libertos de todos os tropeços da metrica e da rima.

MARCIO SA' (?) — E' mais um commentario para jornal, do que uma producção para revista literaria.

DARIO JUNIOR (Bahia) — Precisamos sahir deste eterno thema amoroso, versado em estylo de exaltação. Essa literatura cheira a decadencia. E' preciso encarar a vida, numa attitude mascula.

A respeito do seu estylo, tenho outros reparos a fazer. Na literatura decadente, é o unico encanto que resiste. V., entretanto, ainda não se libertou de uns tantos chavões, phrases feitas, imagens surradas.

ALVARO MARINHO REGO, Alvaro Marinho Rego (?) — "Offerenda" sahirá. A poesia não.

DAMIAO ROCHA (Rio) — "Ronda de Tristeza", bom. "Incredulidade", envenenado de influencias passadistas: "mentiras vãs, ais desmedidos", "veneno do teu beijo", etc.

E' necessario romper com essas phrases feitas. Venha a prosa!

I. TORRES (Paulo de Frontin) — "Fuga" ainda não. Agora, escute aqui. "Esperar" é um conto cheio de observações interessantes. O estylo é simples e correcto, mas não posso aproveital-o, devido a sua extensão e a angustia de espaço com que lutamos aqui. Os versos não estão bons: demasiadamente sentimentaes.

MORAES (?) Materia paga é com a gerencia.

JOÃO SERGIPANO (Uberaba) — Andei com vontade de escrever-lhe, mas não arranjei nem um bocadinho de tempo e de calma espiritual, para gosar este prazer.

Dahi a demora desta resposta. A chronica sobre Natal veiu fóra de tempo. A de Anno Bom já sahiu. Quanto ao seu reparo sobre o "Sermão", V. ha de comprehender que o homem tem *habeas-corpus*. A minha autoridade não vae até lá. Se fosse, eu estaria de accordo com V. Quanto á pergunta do *post-scriptum*: não.

CLARINHA (Porto Alegre) — Ha uma historia de metrica que é o diabo, dona Clara. Ella exige cadencia e um numero igual de syllabas em cada verso. E neste negocio de sonetos, ella tem poderes discricionarios. De modo que... a senhora comprehende... Desculpe, sim?

M. B. (Rio) — O conto tem o sabor de toda narração verdadeira, embora o estylo não lhe dê relevo. De facto, na crise de espaço com que lutamos, é longo demais para "O Malho". Se quer publical-o noutra revista, aconselho-lhe a retirar as reflexões de homem da cidade que pontilham a narrativa. Assim ficará mais saborosa.

CARLOS EUGENIO VAIADY (Rio) — V. quer começar por onde os outros acabam: por historia politica. E' natural que fracasse. Nessa materia, ou se apresenta uma nova interpretação dos acontecimentos, ou se apresentam novos documentos e factos historicos. Dizer o que outros já disseram, não tem merito.

VIOLETINHA SILVESTRE (Bahia) — Infelizmente, não posso attendel-a. A poesia já está illustrada e prompta para sahir. Quanto á demora, é o inconveniente da extensão. Mas como se trata de um assumpto actual e como os versos estão mesmo bons, fez-se uma excepção que não é nenhuma injustiça, pois que a jurisprudencia aqui sempre foi esta. Retribuo-lhe os votos de Bôas Festas.

FIGUEIREDO SIVA (Sabará) — Jayme de Amorim (Rio) — Pedro José de Camargo (Itapetininga) — Jorge Freitas Azevedo (Rodeio) — Romasia Ovidio (Rio) — Agradeço e retribuo os votos de felicidades que tiveram a bondade de enviar-me.

CARLOTA MICHAELIS (S. Paulo) — "Incomprehensão" precisa ser modificada num verso, devido á defeituosa conjugação do verbo *lisonjear*. Não me atrevo a alteral-o eu mesmo. O poema é muito delicado e eu iria forçar a nota com alguma expressão mais rude. Faça a modificação ou, pelo menos, mande dizer como quer que ella seja feita.

CLOVIS ERNESTO CORRêA (Passo) — O soneto tem um pequeno defeito: os dois ultimos versos do primeiro terceto estão sem sentido. Demais não poderiamos aproveitar, com o desenho, como V. quer, porque, neste caso teriamos que dispender toda uma pagina e nós não costumamos gastar uma pagina inteira com um soneto.

MARIO PASSOS (Cambucy) — Os seus sonetos têm coisas aproveitaveis e outras desconcertantes. Em "Não-sim, sim-não", os dois ultimos versos do segundo quarteto estão, positivamente, enxertados á força. "Bemdicto alarme" não tem o valor do primeiro e contém versos forçados.

DARCIFE (S. Paulo) — "Desillusão" será aproveitada.

JOSE' VELHO (?) — Agora, está aproveitavel. Os outros continuam a esperar uma brécha.

JOSÉ PAULO DA SILVA (S. Paulo) — Mais devagar, amigo. Os dois ultimos contos que enviou, não obstante a elegancia e a graça natural do estylo, não podem sahir. "Osorio, eu existo" é um mau estudo psychologico. Impossivel um artista, muito menos um musico com o cerebro obliterado. "Sonho de bebedo" é muito irreverente para "O Malho".

OTHONIEL BELLEZA (B. Horisonte) — Fica aguardando um espaçozinho.

LEO (Bahia) — No meio de um lindo trecho, lá vem um logar commum, uma expressão surrada e sem gosto. São assim os seus poemas em prosa. Ou por falta de inspiração verdadeira, ou por descuido e pressa em produzir qualquer coisa. Mais apuro e mais virilidade de estylo.

E. R. (Porto Alegre) — Seu soneto, prejudicado pela falta de conhecimento das regras de metrificação. Quanto á indicação que me pede, ha um "Diccionario de Rima", de Osorio Duque Estrada, e um tratado, creio que de Bilac. Qualquer livreiro lhe dará esclarecimentos a este respeito.

EVA FLORA (Gymirim) — Sem originalidade. Demasiada exaltação. Seu retrato: uma autora á procura de assumpto. Por que não o procura na Vida, em vez de perder tempo com um romantismo lymphatico e semsaborão? Quanto á orthographia, é a mesma coisa. Vou ver se dou um geito nos seus trabalhos anteriores.

OSCAR ARRUDA (Rio) — Acho que a piada não vale as honras que V. lhe dá.

HORCY (Resende) — O soneto tem, apenas, um defeito: seguir muito de perto, em idéa e até em certas expressões, o celebre soneto de Camões — aquelle do não menos celebre cophaton.

TRIVIAL (Curityba) — Está errado o ultimo verso do primeiro quarteto. Demais, a historia não está muito bem contada.

PRINCIPE DE GALLES (S. Paulo) — V. estreou muito bem. Agora, precisa de paciencia para aguardar uma sobrazinha de espaço.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

Faça o seu proprio chapéu, frequentando gratuitamente, por intermedio d'O MALHO, a

Escola de Chapéus

Escolha o modelo do chapéu que lhe agrada e, em tantas lições quantas forem necessarias,

Melle. Eugenia Armindo

com cursos de chapéus, feitos na Europa, vos ensinará a fazel-os gratuitamente, bastando apresentar-lhe o *coupon* abaixo:

Curso de Chapéus
R. DA ASSEMBLÉA, 67
1.º andar

Curso de Chapéus

GRATUITAMENTE, serão dadas, a quem este coupon apresentar á R. da Assembléa, 67-1° and., 3 aulas de chapéus.—Este coupon é valido até o dia 1 de Fevereiro de 1934. (O MALHO)

N. 22

Aprenda a fazer os seus vestidos frequentando gratuitamente, por intermedio d'O MALHO, a

Escola Moderna de Alta Costura

Escolha o modelo do vestido que lhe agrada e, em tantas lições quantas forem necessarias,

Mme. Bastos

De propriedade e sob a direção de Mme. BASTOS.

com cursos de alta costura feitos na Europa, vos ensinará a fazel-os gratuitamente, bastando apresentar-lhe o *coupon* abaixo:

Curso de Alta Costura
RUA DA CARIOCA, 20
1.º andar

Curso de Alta Costura

GRATUITAMENTE, serão dadas, a quem este coupon apresentar á Rua da Carioca, 20-1° and., 3 aulas de vestidos.—Este coupon é valido até o dia (O MALHO) 1 de Fevereiro de 1934

N. 22

A VICTORIA REGIA

Esta magnifica flor brasilea foi descoberta em 1828, no ponto de juncção do Paraná com o rio São José, onde uma extensão de mais de uma milha estava coberta por suas folhas fluctuantes. Mais tarde, Sir Robert Schemburg tornou a encontrar a victoria-regia, e elle a descreveu mais detalhadamente numa carta dirigida á Sociedade de Geographia de Londres.

"...e eu pude contemplar uma verdadeira maravilha. Todas as minhas desventuras foram esquecidas; como botanico, via-me recompensado! Havia lá (Amazonas) á flor d'agua, umas folhas gigantescas, de cinco a seis pés de diametro, de largos bordos, verde brilhante na parte superior, e carmesim vivo na parte inferior... Suas petalas são em numero de cem. Esta linda flor, no momento em que se abre, é branca, com umas nuanças roseas ao centro, e ella se torna toda vermelha depois de certo tempo. Como que para augmentar o encanto que tem, a victoria regia rescende um aroma mui suave. Eu chamaria a esse invejavel ornamento dos rios brasileiros o *lyrio d'agua...*"

A escolha dos adubos

Existem quatro especies de adubos: os *A. organicos*, consistentes nos estrumes de vacca, cavallo, etc. O primeiro deve ser utilisado em terra aerada e leve; o segundo em terra argilosa pesada e compacta. — Os *A. azotados*, que convêm aos legumes folhudos (couve, repolho, alface, espinafre) e comprehendem o *sulfato de ammoniaco* e o *nitrato de sodio*. O *S. de A.* deve ser empregado, no inverno, á razão de 2 a 3 kilogr. por are. O *N. de S.* no momento em que a planta o requer, á razão de 2 a 3 kilogr. por are, convindo usal-o duas vezes, a 20 dias de intervallo. — Os *A. phosphatados*, aconselhados para os legumes da classe das ervilhas, favas, feijão, etc. O *Superphosphato*, durante a estação fria, deve ser utilisado na proporção de 3 a 5 kilogr. dor are. — *A. potassicos*, cuja acção lenta favorece a maturação das raizes, dos tuberculos e dos fructos, proporcionando-lhes melhor sabor. A *Sylvinita* é recommendada para os terrenos saibrosos na dose de 4 a 5 kilogr. por are. O *Sulfato de potassa* é excellente para os solos argilosos e compactos, devendo ser empregado á razão de 2 a 3 kilogrs. por are. O *Chloruro de potassium* de 2 a 4 kilogr. por are, de preferencia no inverno.

Interior de uma estufa de propriedade particular em Viradouro, cidade paulista, onde se encontram os mais variados specimens da flora brasileira: orchideas, araceas, sallaginaceas e felicineas que entre alfombras de musgos parecem sentir-se bem. Photographia enviada pelo nosso collaborador botanico, Dr. Eduardo Britto.

As propriedades medicinaes das frutas nacionaes

TANGERINA — Diuretico. Indicado nas molestias renaes e das vias urinarias.

JABOTICABA — Excellente contra as diarrhéas, agudas ou chronicas, e as dyspepsias hyperacidas. Parece que é tambem diuretica.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 1.° PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Ohlamo — Av. Paula Souza n. 88.

Adelina S. Fernandes — R. General Rocca n. 112 — Casa II.

Mario Almeida — S. Santa Anna n. 140.

Nina — R. Allan Kardec n. 25 — Engenho Novo.

E. DO RIO

Sargento Romario de Oliveira — Força Militar — Nictheroy.

SÃO PAULO

João Alberto — R. Monteiro de Mello n. 10 — Lapa — Capital.

Rosa de Camargo — Caixa Postal n. 17 — Jaboticabal.

Abbess — R. D. José de Barros n. 11-A — Capital.

Hilario Guedes — Caixa n. 3 — Bauru.

Apparecida Almeida — R. Sete de Setembro n. 64 — Serra Negra.

MINAS GERAES

Geralda Hely — Carmo do Paranayba.

BAHIA

Floriscéa Borges — Alegria do Castanhêda n. 73 — São Salvador.

PARANÁ

Jacy Moura — R. Santa Anna n. 66 — Ponta Grossa.

R. GRANDE DO SUL

Helena Diaz Kurtz — Alegrete.

Lourdes Lobato — R. 13 de Maio, 1518 — Porto Alegre.

PERNAMBUCO

Maria do Carmo Salgueiro — Caixa P. — Recife.

Adalberto Castro — R. Duque de Caxias n. 39 — Pesqueira.

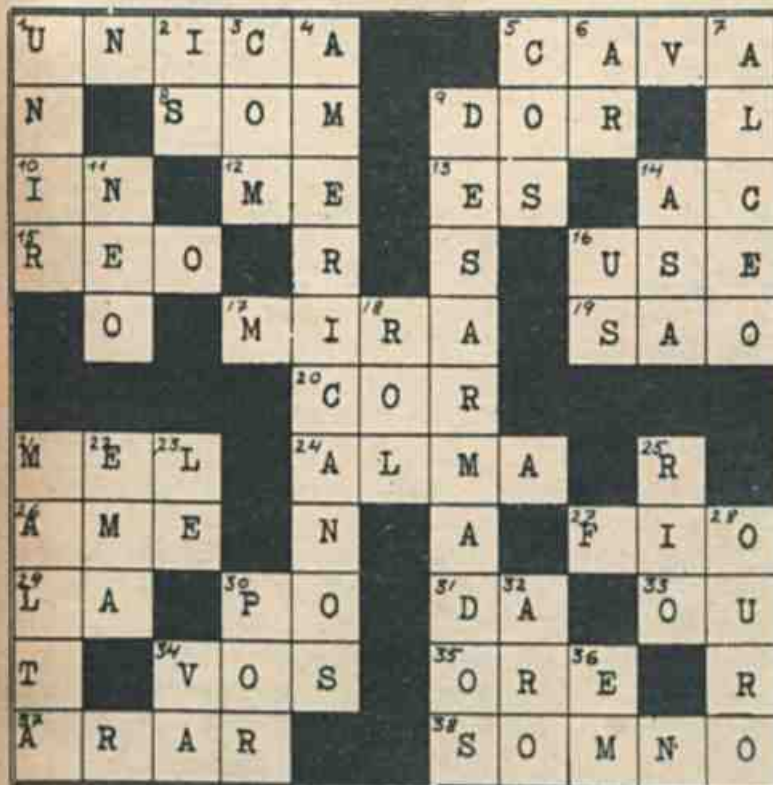
MATTO-GROSSO

Joirce Bastos Viegas — Av. D. Aquino n. 15 — Cuyabá.

PARAHYBA

Sebastião Queiroz — Rua Presidente João Pessôa n. 231 — Campina Grande.

RIO GRANDE DO NORTE

Sergina Leão — R. Cap. J. da Penha — Mossoró.

1 U	N	2 I	3 C	4 A	■	■	5 C	6 A	V	7 A
N	■	8 S	O	M	■	9 D	O	R	■	L
10 I	11 N	■	12 M	E	■	13 E	S	■	14 A	C
15 R	E	O	■	R	■	S	■	16 U	S	E
■	O	■	17 M	I	18 R	A	■	19 S	A	O
■	■	■	■	20 C	O	R	■	■	■	■
21 M	22 E	23 L	■	24 A	L	M	A	■	25 R	■
26 A	M	E	■	N	■	A	■	27 F	I	28 O
29 L	A	■	30 P	O	■	31 D	32 A	■	33 O	U
T	■	34 V	O	S	■	35 O	R	36 E	■	R
37 A	R	A	R	■	■	38 S	O	M	N	O

A solução exacta do 1.° problema de palavras cruzadas.

CARTA ENIGMATICA

29.ª CARTA ENIGMATICA

Duas interessantes trovas constituem o presente torneio das "cartas enigmaticas". Aos seus decifradores, offerece **O Malho** trinta magnificos premios, que serão distribuidos em sorteio entre os concurrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" que mais abaixo publicamos.

As decifrações devem ser enviadas á nossa redacção, Travessa do Ouvidor 34 — Rio, até o dia 24 de Fevereiro, data do encerramento deste torneio.

Na nossa edição de 8 de Março apresentaremos o resultado da apuração procedida.

CARTA ENIGMATICA

(COUPON N. 29)

Nome ou pseudonymo .. ..

Residencia .. ..

Programma

O excesso de annuncios nas irradiações diarias das transmissoras desta capital está sendo motivo de providencias coercitivas por parte das autoridades fiscalisadoras.

Já não é sem tempo que isto acontece.

O publico tolera dois ou tres topicos de materia paga, redigidos com synthese e suggestividade, mas não supporta oito ou dez textos enfiados um atraz do outro, após a audição de cada numero.

Os protestos são geraes, mas as estações até agora não os têm levado em conta — como tambem não levaram o regulamento que rege a materia.

Não iremos ao extremo de aconselhar medidas de arrocho, como as que Hitler acaba de tomar na Allemanha, não permittindo que o radio faça "reclame" de uma casa ou de uma firma, particularmente, mas sim dos productos em geral, englobadamente.

O dictador nazista argumenta que a propaganda do radio só aproveita aos grandes "magazins", que podem pagal-a, e que os pequenos negociantes não possuem capital sufficiente, nem o preço desse serviço está na razão do volume dos seus negocios.

Assim, só o nome de um producto, de uma industria, de uma iniciativa de interesse collectivo, póde transitar pelas antennas germanicas.

Nós, aqui, ainda não estamos em condições de crear obstaculos ao progresso da radio-diffusão, ainda na sua infancia e necessitada de amparo.

Só não devemos permittir que o commercialismo do seculo empolgue as nossas estações, transformando-as num sordido balcão, e compromettendo um elemento admiravel de arte, de esthesia, de adeantamento e de belleza.

O. S.

ELLE E O OUTRO...

O microphone está olhando para Cesar Ladeira e dizendo com os seus botões: — "Este sujeito é o mais supportavel dos dizedores de annuncios que me têm atormentado! Chega a ser engraçado, optimo mesmo, de vez em quando. As suas chronicas, os seus quartos de hora de bom humor, dão-me vontade de rir e de applaudil-o. Mas fico serio e calado, para não lhe dar confiança e não enchel-o de vaidade. Sim! Porque esses camaradas ainda moços, com uma physionomia acceitavel, possuindo uma baratinha azul, uma voz clara, arrogante, e um certo prestigio junto ás mulheres, pensam que valem muita cousa... Não sabem que eu é que lhes dou toda a importancia de que gosam. São uns pretenciosos. Mas deixe-me ficar calado. Elle é capaz de se voltar e de adivinhar as cousas que estou pensando"...

MICRO-FURIA...

— Santo Deus! Até os politicos eu tenho que supportar, agora! Por que não dissolvem essa Constituinte?

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Antonio Moreira da Silva, Madelú de Assis, João Petra de Barros, Cyrene Fagundes e Aracy de Almeida, artistas que cantaram, no "Theatro João Caetano", as musicas classificadas no concurso d'O MALHO, têm obtido successo repetindo-as pelo radio.

* * *

— A "Casa Vieira Machado" acaba de lançar as marchas e os sambas que alcançaram os 1os. e 2os. logares no genero, no concurso aberto por este semanario. "Perdi o meu pandeiro", "Não sou yôyô", "Pierrot Malandro" e "Morena Convencida" vão, assim, se impondo galhardamente.

* * *

— Sá Roris, auctor do samba "Mande chuva, faz favor", que alcançou o 4.º logar, é um nome que vae conseguindo vencer. E' bem possivel que breve esteja concorrendo com os "cracks"...

* * *

— Os auctores das marchas "Vou beijar tua bocca" e "Até p'ro Anno" bem como do samba "Meu pedacinho", todos classificados no concurso d'O MALHO, são inteiramente desconhecidos no nosso meio musical.

* * *

— Carlos do Rego Barros de Souza, que obteve 3.º logar em sambas com o seu "Chale Grenat", é auctor tambem do "Barqueiro infeliz", samba-canção creado com grande successo por Gastão Formenti.

Na festa do "Theatro João Caetano", quando foram annunciados os resultados da votação popular nas musicas do concurso d'O MALHO disse Zolachio Diniz: — "Puxa"! Esse José Maria de Abreu açambarcou os segundos logares! Mais houvesse e mais elle ganharia... Tambem, cabalando daquelle geito!..."

* * *

Conta-se, ainda sobre o mesmo assumpto, que o auctor de "Morena Convencida" e "Pierrot Malandro" chegou junto a um senhor, no theatro, e pediu-lhe um voto.

— Perdão! — respondeu-lhe o interpellado. Não posso deixar de votar em mim mesmo, para votar no senhor. Tambem sou concurrente...

— Está bem! — teria dito José Maria de Abreu sem se desconcertar. Vote no meu para 1.º e no seu para que quizer. Não faz mal...

* * *

O pessoal das galerias, na festa d'O MALHO, divertiu-se um bocado e divertiu a platéa com as suas piadas. Quando o nosso companheiro Mario Nunes começou a fallar, um lá de cima gritou:

— Tome Toddy!

O nosso companheiro teve vontade de mandar evacuar as galerias, mas lembrou-se de que não era o Sr. Antonio Carlos, nem ali estava reunida a Constituinte...

* * *

Saint Clair Senna, o feliz auctor da marcha "Não sou yôyô", que obteve o 1.º logar, ficou tão contente com o resultado do concurso d' O MALHO que pagou uma lauta ceia para os seus amigos e "torcedores", abriu "Champagne", etc. Sabendo disso, Candido das Neves, auctor do "Perdi o meu pandeiro", 1.º logar em sambas, exclamou:

— Assim, não é negocio tirar premio...

E convidou os amigos para tomar um café, no "Nice"...

* * *

— Quaes são as ultimas novidades em materia de musicas carnavalescas? — pergunta um cavalheiro entrando numa casa do genero.

— "Lourinha", de João de Barro; "Lourinha", de Custodio de Mesquita; "Lourinha", de Benedicto Lacerda; "Dê cá o pé... loura", de Lamartine Babo; "Minha Lourinha" de...

— Está bem, interrompe o freguez. Embrulhe-me um kilo dellas...

UM CONJUNCTO NACIONAL

Ary Rosa é o cantor. Lino Barbosa é o violonista. E Cid Prado é o pianista e o director do conjuncto. O "Trio Lazybones" é uma das raras organisações que possuimos. No Brasil, todos são astros e sósinhos deslumbram este mundo e o outro. E' difficilimo, por isso, reunir tres artistas bons num conjuncto disciplinado. E' isto, entretanto, o que está succedendo com os "Lazybones". Cid Prado está realisando um milagre... Fim da legenda: os "Lazybones" são exclusivos da "Mayrink Veiga", desta capital.

NEM TODOS SABEM...

EM 1848, época em que o Dr. Burq demonstrava, no Hospital Cochin (Paris), as propriedade curativas das applicações metallicas contra as enxaquecas, muitas pessoas victimas frequentes desse mal ficavam curadas desde que applicassem na fronte uma placa de cobre. E' verdade que o mesmo metal nem sempre alliviava as dores de cabeça. O que se explicou facilmente: cada doente tem suas affinidades particulares. A metalotherapia foi empregada pelos doutores Rostan, Tardieu, Bosias, Liendon e Bouchot.

O litterato allemão Rainer Maria Rilke assistiu á morte do poeta francez Felix d'Arvers (25-10-1850) na Casa de Saude Dubois. Segundo Rilke, o autor do famoso soneto "Ma vie a son secret", tendo ouvido á sua enfermeira pronunciar "collidor" em vez de "corridor", voltou a si e não exhalou o ultimo suspiro emquanto a enfermeira não se emendou.

AS rãs possuem uma força muscular assombrosa. A força absoluta do musculo gastrocnemiano de uma rã de tamanho mediano varia entre 1000 e 1200 grammas, o que se explica pela grande secção tranversal daquelle musculo. Mas não é para admirar. Existem sêres muito mais debeis que são senhores de uma força egual, ou mesmo superior: os insectos. Felix Plateau, que os estudou em todos os sentidos, deixou exarado que "a força destes animaesinhos é tanto mais consideravel quanto menores forem seu peso e seu tamanho.

DEVE-SE a um sacerdote, o P.e C. Chevalier, de Paris, a descoberta das primeiras jazidas de silex talhados. Datam da Edade da Pedra e foram encontradas no Departamento de Indre-e-Loire, em 1863, quando S. Rev. procedia á execução da carta geologica da dita localidade franceza. Taes specimens da industria primitiva são conservados no museu da Sociedade Archeologica da Touraine e delles fazem parte raspadeiras, machadinhas, pontas de lança, facas, etc., algumas destas medindo de 15 a 20 centimetros. O P.e Chevalier chamou a attenção sobre si por suas theorias scientificas, como a que não admitte que o homem tenha sido contemporaneo nem do *elephas primigenius* nem do Diluvio.

FOI uma commissão da Academia das Sciencias de Paris que, em 1790, tomou a peito a creação de um systema uniforme e universal de pesos e medidas. Os estudos, a que se consagraram os scientistas, levaram cerca de 9 annos. Eis os nomes daquelles aos quaes devemos o systema metrico, que foi adoptado aqui por D. Pedro II: Bertholet, Borda, Brisson, Camus, Condorcet, Coulomb, Darcet, Delambre, Fortin, Gassan — Coulon, Havy, Lagrange, Laplace, Lavoisier, Lefèvre — Gineau, Legendre, Lenoir, Méchain, o General Meunier, Monge, Mongez, Prony, Fillet, Vandermonde (francezes) e Aenœ, Balbe, Bugge, Ciscar, Fabroni, Franchini, Mascheroni, Maltedo, Pedrayes, Trallès, Van Winden e Vassali.

UM CONCURSO SENSACIONAL!

O TICO-TICO VAE OFFERECER AOS SEUS LEITORES, RESIDENTES NESTA CAPITAL, UM BURRICO DE VERDADE, COMPLETAMENTE ARREIADO!

ESTE LINDO BURRICO, ASSIM ARREIADO, TAL COMO ESTÁ, JÁ PROMPTINHO PARA SER CAVALGADO, É DESTINADO AOS LEITORES D'O TICO-TICO QUE INICIOU NA EDIÇÃO DE HONTEM A PUBLICAÇÃO DESSE ORIGINAL E INTERESSANTISSIMO CONCURSO.

O Malho

Podia ter sido assim...

MUITA gente ignora porque razão as mulheres adoptaram a moda dos cabellos cortados. Eu conheço o motivo. E' uma pequena historia que vale a pena passar adeante.

Era uma vez um opulento collecionador de antiguidades que recebera em matrimonio uma formosa creatura sensivelmente mais joven que elle. A esse tempo, já distanciado da actual geração, os cabellos compridos constituiam um dos mais louvados encantos femininos. Era a época romantica em que o poeta de gosto confessava publicamente desejar ser estrangulado pela cabelleira farta de sua bem-amada.

Os fios de cabello da magnifica esposa do antiquario eram longos, abundantes e, de natureza, crespos; e de uma côr tão ardente que lembravam, quando desfeitos, os incendios crepusculares dos tropicos. Soffrendo atrozes, ferocissimos ciumes, o homem procurava isolar a mulher de todo e qualquer convivio, offendendo-a, muitas vezes, com impensadas palavras da mais vexatoria desconfiança. E chegou — o insensato — a dar-lhe o tratamento de prisioneira, a quem sobrassem ricos vestidos e esplendidas joias, mas faltasse a mais singela esperança de liberdade.

Elle, ao contrario, tinha o mundo por si, no infatigavel pesquisar de obras-primas para o seu museu. Ia e vinha constantemente, de cidade em cidade, em busca de uma téla, de uma estatueta, de um movel ou de uma arma, emquanto, enclausurada em meio de tantas coisas antigas fenecia e se estiolava aquella flor doirada de mocidade e belleza, verdadeira maravilha das maravilhas.

Certo dia, em que mais extremados se manifestavam os seus zelos, tendo que realisar uma viagem, embora curta, o marido prendeu a esposa pelos cabellos, o mais junto possivel do craneo, entre o gavetão inferior e a base de um preciosissimo contador de jacarandá lavrado e, collocando uma almofada no chão para a infeliz não permanecer com a linda cabeça suspensa no ar, guardou a chave no bolso e partiu. Era para ter a certeza de que ella não arredaria pé de casa.

De regresso, conduzindo radiante a ultima acquisição para as suas collecções — uma admiravel adaga marroquina do mais afiado gume — o monstro correu a libertar a sua victima. Immobilisou-o, porém, uma surpresa: tinha perdido a chave. Como fazer? Não havia serralheiro algum nas visinhanças, e, ainda que o houvesse, quem seria o artifice bastante habil para, sem o menor damno, recompor o movel, que era um dos seus orgulhos?

Num impeto de paixão, resolvendo por si proprio o caso, o collecionador ciumento, com a lamina de excellente tempera da adaga cortou as madeixas da pobre creatura. Esta, escapulindo pela porta aberta, foi pelo mundo mostrar a sua cabecinha leve e contar a pesada historia que lhe succedera.

Deve ser por isso que todas as mulheres cortam hoje os cabellos, umas por simples vaidade, outras por avisada prudencia...

OSCAR LOPES

EM MIL PEDAÇOS

NÃO assisti á scena mas faço bem idéa de como deve ter sido! Conheço os Amarante. Niná é uma doidinha e Pedro é um rapaz que sob um rosto bonachão esconde a mais temivel astucia e a mais firme vontade. Juraria pois que assim aconteceu:

Pedro entrou com um embrulho e Niná pulou como uma creança batendo as mãos.

— Eu sei o que é, eu sei o que é! — gritou ella. E' o meu presente de annos! Não é mesmo o meu presente?

— Quasi, — disse Pedro.

— Como, "quasi"? Que quer dizer este "quasi"? E' o meu presente e eu quero vel-o já.

— Pois veja-o já.

Niná toma-o e abre. Só o tempo de se ennervar com os barbantes, (esses barbantes, quando se está impaciente, põem uma especial malicia em não quererem se deixar desmanchar e nunca a tesoura está á mão) e eis o presente descoberto.

Era um pequeno vaso etrusco, em cujos lados, damas com as tunicas apenas presas levantam a perna, emquanto ephebos tocam flauta.

— Não é mau, hein? — disse Pedro. Sim, na verdade, não é mau, principalmente si te disser o preço: oito mil e novecentos, no "Paraiso."

Oh! o rosto de Niná revelou incredulidade e indignação. Não? Sim? Pedro confirmou gravemente com a cabeça.

— E você tem o topete de me offerecer pelo meu anniversario um presente de oito mil e novecentos???

— Creança, como você me conhece mal! Eu não sou homem de offerecer a você presentes de oito mil e novecentos, mas de lhe dar presentes de um conto de reis. O que eu não sou capaz de fazer é pagar um conto de reis pelos presentes que eu lhe der...

— O que?

— Um momento, e eu lhe explico. Você merece um presente de valor, Niná, porque você é deliciosa e eu gosto de você, mas não posso comprar nada caro porque não sou rico e nem devo esbanjar. Repare bem neste vaso, meu bem; seu fabricante foi talentoso, copiou-o muito habilmente e com rara fidelidade dos vasos antigos etruscos. Quem não conhecer bem e não tiver tempo de reparar á vontade, de certo confundirá. Agora veja bem a sua materia prima, é de uma extrema delicadeza. O empregado que m'o vendeu — por oito mil e novecentos — garantiu-me a sua fragilidade: com o menor choque elle se fará em mil pedaços. Posto isto imagine que convidemos para amanhã o nosso bom amigo Jordão. Você o conhece bem: elle é encantador e tem uma qualidade preciosa entre todas: marca a sua passagem pelos salões por uma serie de desastres. Elle é de uma familia de agitados: torce os pés quando está descansando, bufa quando está de pé; quebra a cadeira em que se senta e desloca inevitavelmente um mostruario quando scisma de beijar a mão de uma senhora. Você ri, Niná, porque você comprehendeu. Será pois um brinquedo para nós fazel-o admirar a magnifica obra de arte que acabamos de adquirir e á qual nos apegamos com todo o coração, e é mais do que certo que ao pegar-lhe elle a deixará cahir no tapete. — Mil pedaços! me disse o vendedor. Aliás dois só chegariam. O Jordão é um homem galante e conhece os deveres da sociedade. Quero perder o meu nome si no dia seguinte elle não lhe mandar o mais rico presente de um conto de reis que lhe prometti!...

Niná que é uma louquinha achou "da pontinha" a idéa do Pedro, e, pulando ao seu pescoço disse-lhe com grata admiração:

— Você é bem pirata, assim mesmo, hein, meu velho.

Eu conheço bem os Amarante, e teria egualmente adivinhado a scena seguinte si o proprio Jordão não me tivesse contado. O que o Jordão não me contou porque não se enxerga a si proprio, mas o que sei tambem, é que ao entrar elle deixou cahir seu chapéo, e que encontrou meios de dizer "perdão" a meia duzia de moveis em que esbarrou. Logo depois apressou-se em alcançar uma cadeira.

Não se acreditando tão perigoso assim, o Jordão confessou o seu desageitamento; as catastrophes que já semeou são tantas que elle já está desconfiado de si proprio. Por isso mesmo fica sentado o mais tempo possivel pois assim o risco é menor do que se locomovendo. Aliás na casa do Amarante fica muito á vontade. Não é uma dessas salas atulhadas onde só podem circular corpos habilmente ondulantes, onde o minimo movel é sobrecarregado de estatuetas preciosas e de "bibelots" mal equilibrados, e onde o tapete é perfidamente semeado de almofadas; — não fale ao Jordão em almofadas no chão, — elle as considera como acintes pessoaes. Não, a sala dos Amarante só tem os moveis indispensaveis e os objectos de um conto de reis raros; os Amarante não são ricos.

Jordão está pois sereno, mas por prudencia evita de se approximar demais do vaso etrusco. Ouve sentado Pedro se extasiar deante da finura do trabalho, a eurythmia das figuras decorativas e gabar-se de tel-o descoberto. E elle participa de longe da emoção de Niná que declara que não se desfaria de semelhante objecto nem!... ah! nem por um conto e quinhentos. (Pois Niná, como mulher, pensou que era inutil ficar na quantia relativamente pequena de um conto de reis).

Jordão diz timidamente: — sim... sim,... mas não se mexe. Pedro pode pôr o vaso no seu nariz, não ha perigo delle lhe tocar, pois sabe bem que tem mãos de manteiga.

Falhou. Niná olha Pedro com ar desapontado e Pedro está despeitado, por mais que tome um ar superior collocando geitosamente o vaso sobre a mesa. Tão afflictiva situação, porém, não durou muito. Pedro tem uma idéa luminosa: consegue fazer o Jordão se levantar, virar as costas e zás! (para não haver mais incertezas,) joga o vaso no chão. No mesmo instante, um grande barulho e,... mil pedaços! Niná gritou sentida:

— Ah! minha linda jarra!

— Fui eu? Fui eu? — perguntou Jordão vermelho e lastimavel.

— Foi o seu paletó... quando você se virou...

Houve então mil protestos. Jordão desculpou-se effusivamente. Elle sabe bem pedir desculpa, pois já tem habito. Pedro repete: "Mas não é nada, meu caro, não tem importancia..." com o tom perfeito do homem de sociedade furioso e que se contém. Niná a custo sofreia o riso. O Jordão fica desembaraçado quando faz a catastrophe; parece até que elle só esperava por ella para se sentir á vontade. Ajunta os pedacinhos, desculpa-se novamente mas agora com a segurança do homem que concerterá a desgraça, e sabe encontrar uma sahida rapida, digna, perfeita.

Niná então salta ao pescoço de Pedro.

— Bem representada, hein?

— Você terá o seu presente de um conto de reis!

Com effeito, no dia seguinte, chega um embrulho com um cartão de Jordão. Emquanto Niná, febril, e radiante briga com os barbantes, Pedro lê o cartão: "Caros amigos desculpando-me ainda uma vez do meu estouvamento, creio ter a felicidade de reparal-o perfeitamente. Eu receava não poder encontrar senão o equivalente do vaso que quebrei, mas, apanhando hontem os cacos vi, num delles a etiqueta que havia ficado. Pude pois encontrar no "Paraiso" exactamente a jarra que vocês tanto apreciavam. E' tão egual que vocês acreditarão não a terem trocado e esquecerão, estou certo, o estouvamento do meu jaquetão..."

Eu conheço os Amarante. Niná que é maluquinha deve ter tido um ataque de nervos, e Pedro que é grosseiro deve ter dito palavrões horriveis...

POR ANDRE' BIRABEAU

A residencia de verão da côrte americana

Sua Magestade Roosevelt II e sua familia

Incontestavelmente o homem, de que se tem mais falado, nestes ultimos mezes, é o Presidente dos Estados Unidos. "E' um homem assombroso! — exclama, na "Vanity Fair", Jefferson Chase.

Vôa em aeroplano; passeia de automovel; faz longas viagens em caminho de ferro; cruza o Potomac a bordo do "Sequoia"; vae de New England a Campobello Island no "Amberjack II; assiste aos espectaculos de theatro; faz gymnastica; nada; inspecciona florestas; visita campos de escoteiros; caça; anima aquelles a quem privou das pensões do Estado. E está sempre contente, e tem sempre um sorriso para todos. Entretanto, não gosa de perfeita saude.

Roosevelt merece bem o titulo de "Rei Alegre" e sua familia é uma verdadeira familia real.

O Principe Elliott e sua noiva, a Princeza Ruth

A RAINHA MÃE — A progenitora do Presidente, a distinctissima Sra. James Roosevelt, cuja vivenda em Hyde Park é a residencia favorita do magistrado supremo da America, é uma das personagens mais affaveis e cultas da grande Nação. Ella é venerada pelo Povo, que se sente feliz de ser vassallo de uma rainha do Bem, cujo throno está no seu coração, na grande affeição que ella lhe merece.

A RAINHA ELEANOR — Anna Eleanor Roosevelt, a primeira Dama dos Estados Unidos, possue um encanto e uma energia dignas de serem estudadas por todos os que se interessm por hereditariedade, eugenia e humanidade. A America adora S. M., que está dando á sua Patria aquillo que ella tem pedido, com uma energia sem rival. A real Senhora tem todas as qualidades que caracterisam as principaes soberanas da Europa: a correcção impeccavel da Rainha da Inglaterra; a dignidade da Rainha dos Belgas, a clemencia da Rainha da Rumania e o prestigio da Rainha da Italia.

Ella é cathedratica na Todhunter School, fala no radio, edita uma revista para creanças; organisa festivaes de caridade; pede o augmento de salarios para as mulheres que trabalham nas fabricas; recommenda a boycottagem dos generos deteriorados; deixa-se photographar comendo "cachorros-quentes" como um simples mortal; guia seu proprio automovel, de Maine a Albany; anda a cavallo; faz festas aos Tótos; vôa a Los Angeles para suavisar as agruras do filho; inspecciona as associações de Moças; dirige, no "Woman's Home Companion", uma secção de "Conselhos Uteis". Ella vae a toda parte onde sua presença seja necessaria, para dar um conselho, suggerir uma idéa, distribuir uma esmola, prodigalisar consolações.

SUAS ALTEZAS — A Princeza real é indiscutivelmente Mrs. Eleanor Dall, cujo esposo é um dos maiores causidicos no Fôro de New York. Ella collabora na revista editada pelo "Liberty"; arranja collocação para as jovens desprovidas de meios; inaugura exposições de trabalhos femininos; offerece premios para os certamens do Kennel Club de New York; conhece como ninguem os cerimoniaes da Côrte. Sua Alteza é uma das mais bellas e encantadoras senhoras da sociedade americana, onde é estimadissima.

James Roosevelt é o herdeiro da Corôa. Uma de suas paixões é a politica, mas elle já teve um "*béguin*" pelo sport. E' elle que possue o primeiro "yacht" a motor dos Estados Unidos.

Elliott, que é domiciliado em Los Angeles, dedica a melhor parte de seu tempo aos estudos da aviação. Seus escriptos a respeito têm apparecido no "Los Angeles Examiner" de que é proprietario Mr. Hearst.

Uniforme de almirante

O Rei Franklin e o herdeiro do throno.

Franklin Junior é muito creança ainda para o papel de principe. Fez seus estudos na Universidade de Harvard. E' um enthusiasta das touradas, de que elle se recorda toda vez que se refere a viagens. Porque S. A. é um dos mais famosos *globe-trotters* do Mundo, competindo vantajosamente com o seu *collega* do Reino Unido, o successor de Jorge V. Elle tem andado Seca e Mecca, e uma de suas ultimas excursões transatlanticas foi a linda "Terra de Carmen", que o deixou saudoso para todo o sempre.

John é o caçula da illustre Casa dos Roosevelt, onde gosa do privilegio ambicionado de *enfant-gâté*. Por ora pouca coisa se conhece do pequeno principe.

Os palacianos adoram-no, e acham que será um grande homem. Elle frequenta uma escola de Groton, onde é bemquerido pelos condiscipulos, que o têm na conta de muito intelligente e applicado ás lições.

O principe Franklin Junior como hussardo real

S. M. em uniforme de caça

A Sra. James Roosevelt, a progenitora de S. M.

PREMIOS DE VIAGEM

"VAQUEIROS DO NORTE" 1930

A VELHA e tradicional rua Carvalho de Sá, ali no começo das Laranjeiras, ha uma porção de casas grandes, umas defronte das outras, que devem ter sido muito respeitadas no seu tempo, como palacetes de residencia de familias importantes da época.

A fachada, o estylo, a altura, os jardins, tudo conserva um ar de coisa antiga e permitte que, naquelle trecho de rua, ainda se respire um pouco do perfume do passado, que vae ficando cada dia mais distante.

Em uma dessas casas, a dois passos do largo do Machado e a um da igreja de N. S. da Gloria, num pequeno quarto que dá para a rua e para o jardim, mora Jordão de Oliveira.

Não é um porão, mas um andar terreo, á antiga, ao nivel do solo, e com umas janellas tão baixas, que qualquer creança, do lado de fóra, póde ver tudo quanto dentro se passa.

E' um mixto de sala de estar, quarto de dormir e atelier. Basta attentar para o que ali se vê: Uma mesa, uma cama, uns cavaletes e alguns quadros. Livros, armarios de roupa e caixas de tintas. E no meio de tudo isso, Jordão.

Jordão é um typo paradoxal. Tem um tique nervoso, que se manifesta a cada instante, e parece ser o homem mais calmo deste mundo! Passa os dias trabalhando entre as illusões de um artista que sonha e as realidades do homem que luta, entre as emoções do pintor que crea e as amuarguras da creatura que soffre. Elle tem o espirito adaptado ao ambiente em que vive e produz, mas conserva ainda, com doze annos de Rio de Janeiro, alguma coisa da bondade pura, e muita do sotaque caracteristico do provinciano nortista. E Jordão é bem o provinciano que sahiu do seu torrão natal, em busca de aventuras.

Quando começámos a conversar, tive a impressão de encontrar-me deante de um sceptico. Mas enganei-me. Não era bem um descrente. Era, antes, um displicente. Ou talvez, um "blagueur".

Elle mesmo me explicou o seu estado moral do momento. Todo provinciano do Norte, que vem para o Rio, passa, fatalmente, por tres phases distinctas: a do sonho, a da realidade e a da desillusão. A primeira é a que, lá longe, decide da viagem. O Rio atrahe como uma mulher bonita e seductora. E' o periodo romantico. Depois, o Eldorado revela-se. A realidade é muito dura.

A luta muito forte. Por fim, a desillusão. O espirito adapta-se ao ambiente. Soffre-se a vida tal como ella é. Vive-se como se póde. Não se sonha mais. Trabalha-se. E' a displicencia, quasi a descrença, quasi a indifferença...

— Estou no terceiro periodo — disse-me elle.

E' a phase da displicencia. Jordão caminha calmamente, deixando-se levar pelo destino. E isso é extraordinario para um artista que acaba de conquistar o Premio de Viagem do Salão de Bellas Artes. Elle, porém, explica-se perfeitamente:

— Se o Premio me tivesse sido dado na primeira phase de minha vida aqui, recebel-o-ia como um motivo de festa para o meu espirito. Na segunda, seria, talvez, uma compensação para a minha luta de vida. Mas veio na terceira, quando o meu espirito já está muito trabalhado pelas desillusões.

— Fale-me, então, de sua odysséa atraz do Premio de Viagem.

—Devo dizer-lhe, antes de tudo, que, sempre que me entrego á execução de um trabalho, não penso, absolutamente, em recompensa de especie alguma. Penso, apenas, em realizar qualquer coisa que me empolga, que contrapesa a minha emoção, qualquer coisa parallela á intensidade do meu enthusiasmo. De modo que a minha concorrencia ao Premio de Viagem não chegou a ser uma odysséa. Como sabe, em 1929, o jury de pintura do Salão de Bellas Artes me conferiu esse premio, por quasi unanimidade de votos. O jury de gravura, porém, concedeu-o a Calmon Barreto. O Conselho Superior, resolvendo o caso, achou que deveria ir o gravador. Felizmente esse gravador era e é um rapaz de raro merecimento. Seja, porém, como for, soffri, naturalmente, a melancolia dos que perdem. Voltei para o meu atelier, e aqui, como sempre acontece, esqueci a minha victoria e o meu insuccesso.

Foi, realmente, um caso curioso de decisão, o Premio de Viagem de 1929. Naquelles tempos, mandava o regulamento do Salão que, num caso de empate entre dois candidatos, fosse escolhido o que tives-

"MANUEL PRETO" (*Sergipe*) PINACOTHECA DA E. DE BELLAS ARTES

POR TAPAJÓS GOMES

se maioria de votos ou o que fosse o mais velho. Era esse, precisamente, o caso de Jordão, que, além de ser mais velho, tinha quatro votos em cinco, ao passo que Calmon Barreto, seu antagonista, tinha tres a dois. Apesar disso, o Conselho Superior de Bellas Artes deu a victoria a Calmon Barreto.

E' bem o caso de dizer como Jordão de Oliveira:
— Felizmente, tratava-se de um rapaz de raro talento!

Voltei, entretanto, a interrogar ao artista:

— Sua vinda, chegagada ao Rio de Janeiro e luta pela vida?

Jordão fitou-me, sorrindo. Havia nesse sorriso, não um reflexo de uma vida de dosas, mas todo o drama de uma vida de lutas!

— Lembro-me bem que, um dia, beijei minha mãe e minha irmã, e, apesar de ter chorado, embarquei em um naviozinho da Costeira, no porto de Aracaju. Seis dias depois, desci, espantado, no Cées Pharoux. Fui almoçar num restaurant do Mercado... e me esqueci totalmente do resto.

— Como e quando gosta de pintar?

— Gósto de pintar do mesmo modo como os nossos amigos cavallos, por exemplo, quando correm soltos e desabridos pelo pasto ou se esfregam pelo chão...

— Tem um genero predilecto?

— Até agora, não. Penso que todos os generos são bons, desde que correspondam aos appellos dos sentidos ou dos sentimentos. Dizem sempre os meus collegas paizagistas que sou um excellente figurista; os figuristas, entretanto, dizem exactamente o contrario...

— Seu ideal?

— Ainda não percebi para que vim ao mundo. Meu ideal? Talvez o saibam meu estomago, meu figado, este céu ameaçador...

— E seu lemma?

— Deixei a folhinha pregada na parade da sala de jantar da pensão e não me lembro agora.

— Nosso meio artistico?

— Notavel!

— Poderemos ter uma pintura nossa? E uma arte decorativa brasileira?

—Andam por ahi uns rapazes, dizendo que descobriram a arte brasileira nuns vasos de barro desenterrados da ilha de Marajó. E até o meu querido amigo, o professor Flexa Ribeiro, já está patrocinando um curso dessa arte.

"HORA DE LUZ"
Premio de Viagem de 1929
GALERIA DO MUSEU HISTORICO

— Que pensa da arte, como factor da educação de um povo?

— E'... Grecia... Roma... Já li algures num escriptor, não sei se italiano ou francez...

Vê-se, através dessas respostas, que se não o scepticismo, peslo menos a displicencia age, em forte dóse, sobre o espirito do artista — espirito trabalhado por um não sei quê de mysterioso, que não chega a precisar-se para quem quer que o perscrute. Jordão me pareceu uma alma aberta, indifferentemente, para as sorpresas da vida. Talvez, por isso mesmo, o Premio de Viagem lhe tenha vindo no momento preciso.

Chego mesmo a acreditar que elle será a vara magica de condão, que lhe vae trazer ao espirito a claridade sadia do optimismo.

Verifico, com prazer, que os planos do meu amigo se resumem apenas em viajar. Viajar o mais possivel. Vae, naturalmente apprehensivo, porque, para um artista curioso, que não faz apenas pintura, mas que se interessa pelo que se passa no mundo, o momento não póde deixar de ser de preoccupações.

Demais, como disse, é curioso em extremo. A arte, a politica, a sociedade moderna, com as suas conquistas e com os seus descalabros, tudo lhe interessa o temperamento. Pretende conhecer a arte em suas verdadeiras fontes: a Italia e a França. Depois, percorrerá os demais paizes europeus, irá á America do Norte, para ver o Mexico e pintar o que de bello por lá existe.

Não me quiz despedir do pintor sem lhe fazer duas ultimas perguntas. Quiz, primeiro, conhecer-lhe a maior emoção artistica.

E elle, francamente:

— Por ora, nenhuma. Mas vou viajar. Quem sabe?

— E que pensa do futurismo?

Jordão tomou dos meus apontamentos e escreveu isto: "Foi Tobias Barreto quem disse que tudo no mundo tem a sua logica".

E fitando-me, com um sorriso ironico:

— Notavel! não, o Tobias?

MENINA E MARTYR

Para as "Filhas de Maria", por intermedio d'"O Malho

Esta santa é da galeria dourada do martyrologio feminino, da primeira era christã. Enfileira-se, gloriosamente, no sagrado numero dos vinte e cinco mil martyres da época terrorista do imperador Deocleciano, um monstro com a corôa de Cesar.

Ernesto Renan, o *leader* racionalista, discorrendo, certa vez, sobre perseguições de caracter religioso, assignalava, com muita eloquencia e acerto: "E' uma eterna puerilidade essa de se querer, com repressões violentas, entravar a marcha de uma idéa victoriosa". Certo, as idéas resurgem, por encanto, cada vez mais enthusiastas e fecundas, das cinzas que consumiram o sangue dos seus martyres.

Examine-se, por exemplo, com as chronicas ás mãos, o reinado tenebroso de Deocleciano e Nero, onde essas perseguições foram mais encarniçadas e continuas. Vêm as primeiras victimas: chamam-se Pedro, Paulo, Sebastião, Jorge, Expedito, Quadratur. E' toda uma legião de heróes, uma ala de cavalleiros do mais puro caracter, da mais authentica e inconfundivel bravura. A estes acompanham milhares: é uma floração de confessores da Fé, de idealistas do Credo, morrendo, tragicamente, ás garras de leões, no *Circus Maximus*, ou ás mãos de sicarios, por toda a vastidão do Imperio. Ninguem recúa, ninguem vacilla. A' medida que a perseguição augmenta, redobra o proselytismo. Depois dos confessores, vêm as virgens martyres. Então, o fervor dos adeptos cresce, a cifra dos convertidos se amplia, em progressão geometrica. E' que os martyres venciam, morrendo. São, assim, todas as victimas das grandes idéas, os propugnadores das grandes causas, em todos os tempos.

De tudo isso a gente se convence, relendo o martyrio desta santa joven, que foi Santa Ignez, sacrificada em Roma, a 21 de Janeiro, do primeiro seculo do Christianismo. Era uma creança. Contava, apenas, treze annos de edade, quando foi executada.

Lembra-nos, com muito proposito, o verso famoso de Lamartine: "C'est bien tôt pour mourir!" Ou então, as palavras sagradas, o que vem mais ao caso: "Vivendo pouco, preencheu uma longa existencia".

Ignez procedia da mais alta aristocracia romana e se impunha por uma formosura peregrina. Desde os albores da razão, devotou-se ao Divino Mestre e aos pobres. Não lhe faltaram partidos seductores. Recusou tudo. Surgiram os despeitos dos pretendentes, almas pequeninas, creaturas perfeitamente tôrpes. Denunciada por ser christã, confessou francamente a sua crença. Dahi, a série infinita de seducções, a principio; de crueldades, depois, por que passou, sempre serena, irreductivel sempre. E tudo isso culminou no martyrio. Revestiu-se de dramaticidade a scena tragica, merecendo bem uma peça de Sophocles, um acto, mas real, authentico, da classica tragedia grega. Uma linda menina — "entreaberto botão, entrefechada rosa" — avança para o martyrio, cabeça erguida, sorriso perenne, illuminando uma physionomia de candura lyrial. Era Ignez. Todos quantos presenciam, interdictos de pasmo, aquella scena, pedem á creança que desista do passo doloroso. Ella, sorrindo sempre, insiste no gesto ultra-heroico: prefere morrer a renegar Jesus! Todo um pranto copioso inunda as faces dos circumstantes. O proprio algoz, incumbido do sacrificio hediondo, treme de commoção e chora, em côro, com a assistencia.

A menina-martyr é a unica a sorrir. Adianta-se para o algoz e calmamente, pergunta-lhe por que não cumpre o seu tragico officio e lhe apresenta a cabeça. A machadinha decepa-lhe o pescoço. O sangue puro de uma virgem, que é ainda uma creança, jorra sobre o campo romano. Uma nova semeadura fecunda e exuberante cahe no solo evangelico, á luz da manhã romana, que raiava triumphal — *E lucevan le stelle!...*

Sim, "quando uma virgem morre, uma estrella apparece", cantava o principe do nosso lyrismo.

Com a morte de uma Virgem, que foi martyr, em tenros annos, como a bella romana, Santa Ignez, não é apenas um novo astro, que se engasta no azul do firmamento: é toda uma constellação que surge, augural. Sendo uma das protectoras officiaes dessa formosa e universal corporação, que é a *Pia União das Filhas de Maria*, a illustre martyr revive, em sua belleza moral, em sua pureza de açucena, nos milhares de virgens, que lhe seguem os passos, vestidas, symbolicamente, de branco, cingidas, caracteristicamente, de azul. Toda uma constellação de virtudes e de bondades, de graça e pureza, contrastando com as miserias e crimes, que maculam este pobre mundo, valle de prantos, estancia de peccados.

ASSIS MEMORIA

MINHA MEMORIA

INÉDITO PARA "O MALHO"

A MEMORIA E UMA VELHA AMA . . .
(ALVARO MOREYRA)

Minha memoria é como a negra velha
Que me serviu de ama,
E em cuja saia de chitão vermelha
Sentei-me, outróra, para ouvir historias . . .

Era sempre á noitinha
Que ella vinha,
Com meiguice, fazer-me adormecer . . .
E que historias
Infindas
Repetia
De reis cobertos de ouro, fama e glorias,
De guerreiros, por quem princezas lindas
Se apaixonavam, loucamente, um dia . . .

— Era uma vez . . .
— Havia, um dia . . .

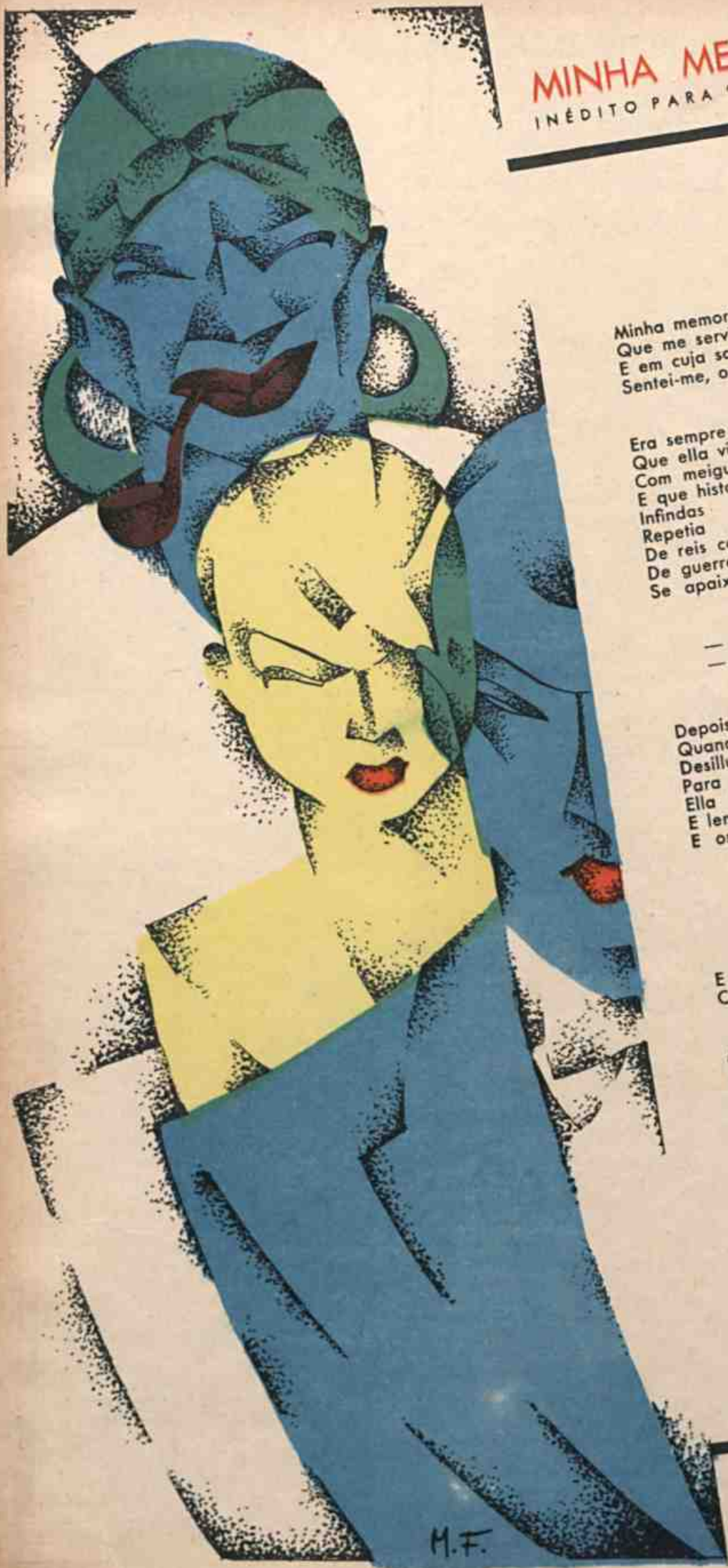
Depois, eu fui crescendo e, moço, ás vezes,
Quando notava que eu soffria
Desillusões, dôres, revezes,
Para abrandar minha amargura
Ella vinha sentar-se junto a mim
E lembrava-me as horas de alegria
E os dias sempre claros de ventura.

— Tu não te lembras ? Certa vez . . .
— Naquella tarde, eu bem não quiz . . .

E eu era quasi tão feliz
Como no tempo de petiz...

Minha memoria é assim!
Minha memoria é como a negra velha
Que me serviu de ama
E em cuja saia de chitão vermelha
Sentei-me, outróra, para ouvir historias!

Quando me sente amargurado,
Quando me vê mais infeliz,
Cheio de magoas e ansiedades,
Desenterra, gentil, do meu passado
Todo um cortejo de felicidades!

PAULO GUSTAVO

A Espantosa Tragedia do Arranha-Céo Marinelli

Especial para "O Malho"

JOÃO DE MINAS

I

O dr. Abelardo Laurentino chegou, desceu do automovel vermelho, e olhou para cima os 22 andares do famoso arranha-céo Marinelli. Era uma manhã garoenta, e a cabeçôrra do predio parecia dissolver-se nas nuvens. Ao redor, era a agitação tumultuosa da praça da Sé, nas oito horas da manhã. São Paulo, na gloria do trabalho, acordara disposto.

O escrivão Caminha e dois secretas musculosos, com os volumes dos revólveres apparecendo por detraz nos casacos, acompanhavam o nobre delegado especialisado, chefe da Delegacia de Crimes de Morte.

Na portaria do immenso edificio havia uma multidão embasbacada de curiosos. A autoridade, com os seus auxiliares, fez o elevador esperar, accendendo o primeiro um charuto claro e comprido. Depois, os quatro homens subiram, cheios de responsabilidade silenciosa, deixando cá em baixo a ralé lançando palpites e soprando a friagem do mez de Junho.

— Ella foi assassinada por um soldado de policia, um preto de nariz esborrachado e zarolho...

— Eu, como "chauffeur", não tenho queixa della. Mas ella deixava no carro um perfume persistente. Uma vez minha mulher, que é muito ciumenta, implicou com o tal perfume...

— Esse delegado é bôbo. Elle devia vir disfarçado, de barbas e oculos azues, com uma orelha de menos, como fazia Sherlock Holmes. Aquillo é que era caboclo sarado, o Sherlock Holmes...

— São Paulo está se tornando a Chicago brasileira. Dão-se crimes horriveis, e a policia não descobre...

Eram desse genero os commentarios do pessoal terreo, isto é, que ficara encurralado no pavimento terreo, prohibido de trepar ao appartamento 542, no 11° andar, onde se déra o crime sensacional.

Fôra o seguinte.

No luxuoso appartamento, ha coisa de tres mezes, residia a artista Hermengarda de Miranda, typo de belleza exquisita. Era filha de confusos fazendeiros em Alagoas, e fôra educada num collegio em Paris. Fugiu com um dansarino russo, da "troupe" Karsavina-Nijinsky, e rodou luminosamente pelas grandes capitaes. Quando voltou a Paris, Hermengarda fazia uma furiosa propaganda do Brasil. Era uma embaixatriz de arte, dansarina extranha, fazendo o Sonho da Mumia. Esse numero do seu repertorio era de uma novidade dolorosa e deslumbrante.

O palco era transformado num tumulo pharaonico, no fundo da pyramide de Cheops, no deserto immemorial. A luz funebre tinha laivos roxos, coada por reflectores invisiveis. Um ambiente subterraneo e millenario. O sarcophago já ali estava, a um canto, com a sua tampa dourada, representando a mumia esculpida. Por meio de um habil dispositivo de molas, a tampa ia se abrindo. O sarcophago ficava de pé, e uma pequena lampada, um olho tragico de fogo fatuo, verde e frio, phosphoreava illuminando a mumia toda enfaixada. A assistencia ansiava, na penumbra. Então, o cadaver remotissimo ia acordando, mexia-se, rasgava o somno das edades e das crenças. A orchestra iniciava uma musica de queixumes mysticos, invocando a bondade divina, no pranto ajoelhado do peccado, do mal, e do arrependimento. As faixas tumulares iam se despegando, cahindo, como cordas que desamarram um condemnado innocente. A morta revivia, denunciando as feições, marcando a carne palpitante, agora enluarada, sahindo da luz verde para uma luz de camelias, de lyrios, afogada numa onda lenta de apparição...

A famosa artista então muito de leve começava o Bailado da Mumia, interpretando o amor immortal e infeliz de uma princeza egypcia, filha de um pharaó. Ella amara um humilde pastor, e um dia o seu pae a encontrou com elle, beijando-o, num bosque ás margens do Nilo. A louca amorosa fôra condemnada á morte. Mas não esquecera, porque as edades e o nada não matam a vida eterna, porque ninguem assassina o tempo e o destino... Ella agora cansava a sua dôr e a sua saude, fazendo dos seus gestos os punhaes que cortaram a sua carne e a sua illusão...

Hermengarda fazia outros numeros do seu vasto repertorio, inclusive cançonetas ao genero Chevalier e tangos ao genero Gardel. Mas o seu numero formidavel, e que a platéa reclamava incessantemente, era o Bailado da Mumia.

Nova York, Chicago, Buenos Aires, o Rio haviam glorificado a artista. E ella ha tres mezes viera para São Paulo, para o Municipal, assignando depois contractos com outras empresas, num successo que não acabava mais. Teria os seus trinta annos, era discreta e elegantissima, não gostava de farras nem cultivava ruins amisades, e tinha um par de olhos, que pareciam duas grandes violetas lavadas em diamante liquido. Lia muito, gostava de creanças, e tinha uma doçura contemplativa de idolo.

De manhã, ás sete horas em ponto, quando a creada do appartamento viera lhe trazer o chá inglez, uma bebida fortificante e rara que ella costumava tomar, encontrara a porta cerrada. Hermengarda Miranda estava morta sobre o leito, serena, com os olhos um pouco fechados, num pyjama fulgurante de seda roxa. Fez-se logo a communicação a Delegacia de Crimes de Morte. A noticia tragica circulou, e o guarda civil da esquina veiu guardar a porta do appartamento, interdictando a subida de quem quer que fosse, até segunda ordem.

O dr. Abelardo Laurentino, á frente dos seus tres auxiliares, entrou no appartamento em passos pausados e bem medidos, como convinha a uma autoridade consciente dos seus deveres, soprando a fumaça ponderada do seu havana.

O escrivão Caminha julgava-se proprietario de um bom fáro policial. Tinha muita caspa, e os cabellos um pouco compridos, com um ar inspirado. Era economico, e guardava tócos de cigarro atraz da orelha. Caminha poz a pasta em cima de uma mesinha lavrada como uma joia, concertou os oculos escuros com aros de latão, e accendeu um dos seus catinguentos tócos de cigarro, dizendo:

— Vamos agir!!

Emquanto isso, o delegado se sentava numa poltrona de velludo com pequenos Buddhas de ouro, para descansar o corpo moido na labuta. E ordenava aos dois secretas, o Pedrão e o Carapiá, que abrissem as duas largas janellas, dando para a praça da Sé. Caminha apagou a luz morta do "abat-jour", ao lado do leito, e que era a grande cabeça de louça negra de um fakir, de olhos accesos e hypnoticos.

— Vamos agir!! — repetiu o energico escrivão da policia.

Com o quarto inundado da possivel luz do dia, o dr. Abelardo olhou de frente o local tragico, fumando ladinamente, espiando a possibilidade de um crime. Ordenou:

— Vocês ficam autorizados a inspeccionar este recinto. Examinem a defunta. Comecemos as pesquisas com a sagacidade do costume.

Pedrao, Carapiá e Caminha atarefaram-se.

Foi quando a Mariquinhas, a servidora daquelle appartamento, uma mulata gorda e sympathica, appareceu na porta. Ella pedia licença ao delegado para telephonar ao dr. Felipe Casanova, para communicar-lhe a morte da dansarina, de quem esse cavalheiro da alta sociedade paulistana era um dedicado amigo.

— Conheço o dr. Casanova. Mas por emquanto não podemos ser incommodados nos nossos arduos trabalhos de policia scientifica — declarou o dr. Abelardo.

A domestica ia retirar-se assombrada de respeito, mas a autoridade sentenciou-lhe:

— Traga para nós um cafézinho, aqui da pontinha.

E beliscou a longa orelha.

Mariquinhas retirou-se, impeccavel no seu vestido branco, recuando de costas.

Quando ella voltou, com o competente café, os tres homens estavam de parabens, cantando o hymno saboroso da victoria. Estava desvendado o motivo da morte da dansarina. Ella fôra victimada pela cocaina, de que usava e abusava.

— Eis aqui a prova provada. Ella excedeu-se esta noite, e o coração parou. Excedeu-se no alcaloide! Aliás, o cadaver da defunta conserva a serenidade das pessoas victimadas pelo pó da morte. Está tudo esclarecido!

Assim falando, o escrivão mostrava ao delegado tres vidros de cocaina vasios, que achara na cama turca, debaixo de uma almofada.

O dr. Abelardo concordava, e dispunha:

— Nem se discute. A cocaina victimou-a. Essa gente de theatro tem todos os vicios. E é pena, porque se trata de uma dansarina maravilhosa.

Foi servido o café com justificavel alegria da lei. O dr. Abelardo ergueu-se, e offereceu o resto do seu charuto a Caminha, que tinha a volupia esperta de aproveitar os despojos da cigarreira de ouro do seu chefe. Isso, aliás, transmittia-lhe uma certa autoridade.

O delegado retirava-se, e deu mais providencias, falando ao guarda-civil do lado de fóra da porta e a Mariquinhas:

— O aposento fica em todo o caso interdictado, para o arrolamento. Vou ordenar uma autopsia parcial para se examinar o coração, e depois os interessados fazem o enterro. O dr. Felipe Casanova póde visitar a defunta, com as pessoas das suas relações...

Assim os dignos auxiliares da segurança publica se retiraram, no automovel vermelho. Os secretas desceram na rua Direita, para tratar de outros negocios, e o delegado e o escrivão pararam na praça do Patriarcha, á porta de um bar de luxo. Iam repousar um pouco dos seus espinhosos affazeres, deante de um aperitivo, e trocar idéas sobre policia especialisada. Os dois bons amigos estavam apurando o terrivel processo patenteado de pegar o criminoso "com a bocca na botija", ou no "sufragante", como dizia Carapiá, com orgulho. "Com a bocca na botija" era mesmo o titulo de um livro profundo que o dr. Abelardo Laurentino estava escrevendo, ha quinze annos, e que ia revolucionar os methodos de policia scientifica na America do Sul.

II

Em 1929, Paulo Borborema, filho de uma familia senhorial de fazendeiros paulistas, cursava a Universidade de Cambridge. Era notavel nas cadeiras de linguas, com uma propensão definida para o jornalismo.

Paulo, neto dos condes de Borborema, de Campinas, se notabilisara como pugilista, no vigor dos seus 22 annos, rebento de boa raça. Em 1928 disputara o campeonato de box da Universidade, peso médio, numa luta sensacional, e de que fôra juiz o Principe de Galles. O campeão bandeirante applicara então um directo da esquerda, em optima technica, na cabeça do adversario, o estudante norte-americano Sam Langford. E matou-o.

Com a baixa do café, arrasada a fortuna da familia, Borborema veiu para São Paulo, disposto a trabalhar com honra no jornalismo. Tinha esperança de vencer. Entrou para a redacção do diario "Povo de Piratininga". Não se aguentou ali tres mezes, vencido pelas intrigas purulentas dos invejosos. Ficou na rua, em pé em cima das pernas de aço, olhando a garôa... Mas elle fizera amisade com o genial jornalista Ascanio Magalhães, em encontros providenciaes. Entrou assim para o "Diario da Paulicéa", onde em breve chefiava o Departamento de Reportagens Especiaes. Descobriu crimes mysteriosos, revelando um tino policial incomparavel, como no caso do assassinato a metralhadora do millionario Reginaldo Carval, de dia, em plena rua de São Bento.

Davam 11 horas numa das torres de egreja da cidade, quando o dr. Felipe Casanova parava de arranco o seu Packard á porta da modesta vivenda do illustre jornalista, na rua da Consolação.

Recebido, Casanova foi logo dizendo a que vinha:

— Como amigo, vim pedir a sua intervenção de policia amador. A Hermengarda appareceu hoje morta no seu appartamento. A policia quer que ella tenha morrido bebeda de cocaina. Mas não é possivel, eu não concordo... Como você sabe, na roda dos meus amigos, eu ia me casar com ella, porque ella é digna do meu amor. Ella nunca teve vicio algum, e nem siquer fumava... Levantava-se ás 7 horas, e ia para o terraço do arranha-céo Marinelli tomar banho de sol e fazer gymnastica. Tinha habitos inglezes...

Borborema, alto e moreno, de uma elegancia discreta, falava pouco. Resolveu:

— Vamos ver o cadaver.

Quando os dois amigos chegaram ao appartamento, Mariquinhas avisou que a morta sahiria á uma hora para autopsia, mas estava tudo como dantes. Paulo começou a examinar, calado. De repente, poz as mãos no chão, como si fosse andar de quatro, e foi buscar debaixo da cama uma caixinha de velludo negro, aberta e vasia, uma especie de estojo com os logares proprios para guardar dois ovos pequenos.

— Isto é curioso... — disse o policia amador, examinando profundamente o objecto.

Em seguida, emquanto Casanova se lamuriava, inconsolavel, tirou uma lente do bolso, e passou a examinar longamente as mãos do cadaver. O seu interesse augmentava. Depois, gastou uns dez minutos olhando com a lente o rosto de Hermengarda.

Paulo guardara o estojo no bolso do casaco, e pediu ao guarda civil da porta para falar a servidora, que pouco teve que dizer.

— Isto aqui é uma casa de luxo. O elevador é automatico, e os moradores, gente fina, entram e sahem á vontade. Hontem, d. Hemengarda recolheu-se ás oito horas, e não houve — que eu visse — nada de mais...

— A senhora ficou vigilante no seu posto, e não ouviu ruido algum aqui dentro? — indagou-lhe Paulo.

— Não ouvi nada. Mas — o que nunca me aconteceu, e eu fico sentada ali no fim do corredor até meia noite, — creio que das 9 para as 10 horas peguei numa madorna...

— Conte isso, muito direitinho.

— Não foi nada. Adormeci... e sonhei, julgo que sonhei. Vi um par de olhos negros, me olhando. Eu não via sinão um pouco da cara onde havia os olhos. O olho direito tinha uma cicatriz ao lado, aqui ..

Paulo, impassivel, não denunciava a menor emoção.

Perguntou:

— Muita gente visitava a fallecida?

— Não. Homens, aqui o dr. Casanova... tudo gente muito distincta. E pessoas que a serviram, modistas e collegas della... Eu não reparo muito na vida dos moradores.

— Póde retirar-se.

Mariquinhas sumiu, depressa incommodada com o interrogatorio. Paulo brincou com o capitalista e viuvo, que era o nobre dr. Felipe Casanova:

— Pelo que vejo, você é o assassino..

— Não brinque.

Riram os dois, o dr. Casanova com um riso forçado. Paulo despedia-se delle:

— Até logo...

— Espera. Você o que acha? Tenha pena de mim...

— Vou trabalhar no seu caso, prometto-lhe. Você cuida do grandioso enterro de primeira classe. Não creio que tenham furtado nada dessa pobre mulher, aliás rica... segundo parece. Você fique com a policia official, e nada diga da minha intervenção nesse caso. Não gosto de falatorio, o que aliás me atrapalharia...

— Ella foi assassinada?...

Paulo ficou serissimo, e affirmou:

— Deu-se aqui uma horripilante tragedia. Vou desvendal-a. Até logo...

O jornalista-detective já ia atravessar a porta, com o guarda-civil ali calado — mas não ouvindo a conversa dos dois — quando se voltou para o seu amigo:

— Vou reunir as minhas idéas, e trabalhar no meu laboratorio. Depois do enterro, ou á noitinha, você me procure.

Nessa noite, Paulo e Casanova tiveram uma conferencia com o grande actor Pancracio Teixeira. No dia seguinte, os dois tiveram um dia occupadissimo. A mesma coisa no outro dia seguinte, sempre rolando de Packard. Nessa noite, de madrugada, ambos fizeram um assalto nocturno. No dia immediato, depois do almoço, Paulo sósinho conferenciou com o delegado de capturas.

Dava uma hora da tarde no relogio de S. Bento.

O Packard rolou descendo a Avenida São João, e parou na portaria do Edificio Raposo Tavares, num arranha-céo enorme, da alta do café. Pedrão e Carapiá estavam tambem no carro, com Paulo e Casanova.

Os quatro subiam para o primeiro andar, sala 12, frente, onde era o estabelecimento de Mme. Raymonde, exclusivamente "manicure para artistas". Grande luxo.

O ascensorista, todavia, avisou:

— Mme. Raymonde está preparando as malas. Vae a Paris, fazer sortimento...

Ella propria, de cabellos louros e olhos negros, alta e forte, quarentona, veiu receber os quatro freguezes...

Carapiá adeantou-se, todo ancho, mostrando a ordem de prisão:

— Teje presa, sua bandida!

Foi um relampago. A franceza deu-lhe um murro magistral. O secreta embarcou, fulminado. Paulo atracou-se com ella, que ia fugindo, pelo corredor. Arrancou-lhe os seios postiços, e a cabelleira loura. Só faltava arrancar-lhe as ancas gordas, de optima borracha. Mme. Raymonde era um homem, e do legitimo. Pedrão quiz intervir, e tambem levou um murro. Cahiu fulminado.

Então, a contra gosto, o redactor dos "Diarios Associados" e campeão de Cam-

A VELHA — Então, tudo agora em paz?
A MOÇA — Qual! Com estes dois endiabrados, não é possivel a harmonia em familia...

bridge manobrou a sua esquerda. Foi um directo medonho. O assassino da dansarina foi erguido no ar, e cahiu como uma massa. Estava nas mãos da Justiça.

III

Dois dias depois, Paulo e Casanova palestravam com o delegado dr. Cisalpino de Souza e Silva, no seu gabinete. O já famoso "detective" sul-americano — e o assassino confessara toda a sua manobra — expunha:

— Logo que achei o estojo debaixo da cama da morta, reparei que o mesmo tinha a fórma de uma testa, e os dois buracos ovaes imitavam duas orbitas vasias. Essa caixinha antiga, de um fabricante de gosto, servia para guardar dois olhos artificiaes, de crystal. Notei na caixinha, a olho nú e depois ao microscopio, pedacinhos de unhas. Tambem a caixinha, pegada muitas vezes por uma pessoa canhota, tinha do lado esquerdo signaes de dedos lambusados dessa tinta vermelha, usada pelas manicures. Uma coisa e outra fez-me comprehender que aquelle estojo fôra ali infelizmente esquecido por qualquer manicure. Examinei as unhas do cadaver, e vi que ellas estavam manicuradas de fresco, fulgurantes. Mas onde estavam os olhos de crystal, que tinham vindo no estojo? Com a lente, examinei os olhos da morta, e vi que os seus olhos verdadeiros tinham sido arrancados com uma pericia scientifica, estando no seu logar os olhos de crystal, eguaes aos legitimos. Nada disse, para não fazer escandalo, e o assassino não fugir... Mariquinhas adormecera das 9 para as 10 horas. Ella fôra hypnotisada por um verdadeiro fakir, e quando ella disse que sonhara com um par de olhos, ella apenas guardava no sub-consciente o reflexo magnetico, o retrato dos olhos do hypnotisador. Este devia ser o manicure — com uma cicatriz do lado direito do olho — que viera assassinar Hermengarda, e arrancar-lhe os olhos, e que para se insinuar no espirito da artista adoptara essa profissão, podendo assim entrar-lhe na intimidade, e ha muito já vigiando-a e seguindo. Com esses dados, pedi a Pancracio Teixeira uma lista de manicures de artistas. Passámos dois dias, eu e Casanova, correndo os manicures da cidade, apontados, com desculpa de fazer as unhas. A' tarde do segundo dia, demos com madame Raymonde, que era canhota, tinha uma cicatriz ao lado do olho direito, e olhos hindús de fakir. Notei logo que ella era homem, disfarçado em mulher. Por que? A' noite, assaltamos o seu apartamento de dormir, ao lado do salão profissional. Narcotisámol-a, e agimos á vontade, sem porém deixar vestigios. Encontramos uma estatueta de ouro puro, um idolo horrivel, e... com um collar de olhos de crystal ao pescoço. Numa caixinha de ouro, em gelo, na geladeira, fomos encontrar os olhos tirados a Hermengarda. Tudo deixámos como achámos, e sahimos... para voltar com a ordem de prisão em regra, de dia. E para que, agora, se commetteu tão espantoso crime? Só, na apparencia, pelo crime?...

— E' o que esclarece a confissão do réo na policia — obtemperou o dr. Cisalpino de Souza e Silva, uma das melhores autoridades de S. Paulo, antigo e illustre jornalista.

Eis agora a confissão do reu, por termo na policia. Disse que "se chamava Jivekanda Baliu Njah Exelpur, com 42 annos, natural de Lahore, India, cidade de Prajar, e de profissão medico pela Universidade de Calcuttá, actualmente manicure. Tornou-se sacerdote do deus Menhmuh, do templo brahmanico de Prajar, e como tal procedeu á eleição em 1921, no seu districto, da joven que teria a gloria divina de deixar arrancar os seus olhos, para serem offerecidos ao deus, preparados e conservados de accordo com o ritual sagrado, collocados no meio de um collar de diamantes no pescoço do mesmo deus, o que se fazia de vinte em vinte annos, ha milhares de annos. Que a joven em questão, Pandjá Baria Kadekrop, fugiu para não se sujeitar a esse sacrificio divino, passando-se para as nações do occidente, onde vivem os porcos dos brancos; e aprendendo a reproba, intelligentissima, a falar o portuguez em Portugal, passara ao Brasil, e fantasiara uma historia a seu respeito, dizendo-se alagoana, e indo casar-se com um brasileiro, apesar de ser uma virgem, ou uma vestal da dita divindade. Que elle sacerdote era responsavel pelo par de olhos pertencentes ao deus. Que sahira pelo mundo caçando a infiel, e, sabendo-a bailarina de raça, se fizera "manicure" de artistas para melhor encontral-a. Que com o nome falso de Hermengarda Miranda encontrou a sacrilega no Rio de Janeiro, fantasiando-se o depoente de mulher para não ser reconhecido. Que em São Paulo travou relações profissionaes com a dansarina, que lhe marcou naquella noite das 9 as 10 um serviço de unhas no seu appartamento. Que subiu no elevador automatico sem ser visto, e, não querendo ser presentido pela servidora, hypnotisou-a, a distancia, exteriorisando a sua sensibilidade dos olhos, fakir do santuario do Templo do Hymalaia, que é. Que manicurou a artista, depois fel-a cheirar de surpresa um narcotico indiano. Que a victima adormeceu, e elle applicou-lhe na nuca uma injecção de Nabanulah, succo de um vegetal indiano, que mata não deixando signaes diversos dos da cocaina e paralysando todos os liquidos organicos, impedindo inchações e derrames. Que assim, cirurgião que é, operou os olhos da morta, retirando-os magistralmente. Que já trazia tres vidros vasios de cocaina, e ali os deixara, para que pensassem que a bandida morrera victimada pelo alcaloide, sendo os effeitos do seu veneno identicos aos da cocaina. Disse que trazia tambem o estojo com os olhos de crystal, feitos eguaezinhos aos da morta, substituindo-os, enterrando-os nas orbitas vasias, collando-os com uma colla especial indiana, e baixando as palpebras da morta. Disse que os olhos artificiaes tinham sido feitos na India, á vista dos olhos legitimos da sacerdotiza, antes de sua fuga, pois os olhos das esposas do deus são assim substituidos na occasião do sacrificio; e que elle depoente ideara um crime perfeito, esquecendo-se porém de levar o estojo vasio, na alegria em que ficou, pelo facto de ter desaggravado a honra de seu deus, e que assim na sua vida seguinte a sua alma não passará a morar no corpo de um paria. Disse que se retirou sem ser percebido, já na praça da Sé descarregando o somno hypnotico de Mariquinhas; e... que pagaria mil libras á policia para mandar transportar os olhos da dansarina á India, como propriedade legitima do illustre deus, etc. Nada mais disse, nem lhe foi perguntado", etc.

O traductor juramentado certificava ter traduzido esse depoimento do inglez, etc.

Hermengarda foi desenterrada, appensando-se ao processo os olhos de crystal.

O "Diario da Paulicéa", deu edição diaria de duzentos mil exemplares, explanando esses acontecimentos pavorosissimos.

A fama de Paulo Borborema repercutiu em toda a America do Sul.

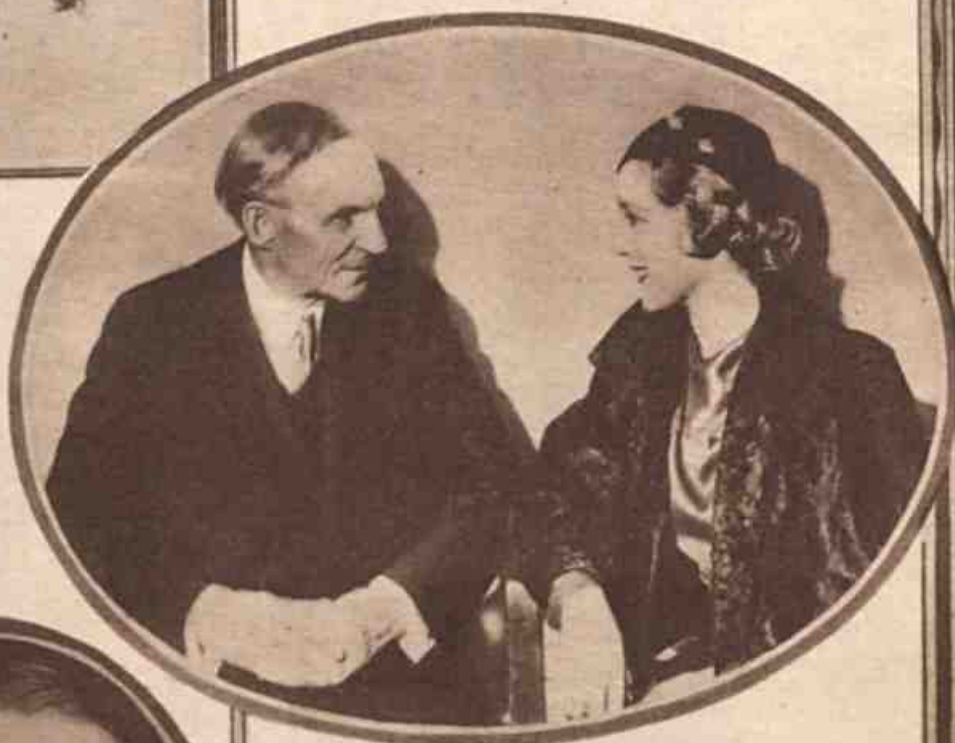
Assim foi a espantosa tragedia do arranha-céo Marinelli.

O ultimo desenho que o progresso riscou no asphalto carioca --

Praça Paris—á beira-mar olhando para a Pão de Assucar

Agitação na Hespanha

UM SOLDADO COMPELLINDO UM AUTOMOVEL A PARAR, PARA UMA REVISTA EM REGRA — Nas principaes cidades da Hespanha, entre outras Barcelona, os carros foram submettidos ás mais penosas inspecções. Felizmente, o Governo subjugou o movimento sedicioso, voltando a paz ao paiz das castanholas.

UM dos cabeças do recente movimento revolucionario seguindo para a cadeia de Saragoça, onde foi preso. O numero dos mortos é avaliado em 78 pessoas e o dos feridos em uma centena. São sem conta os prejuizos causados á propriedade particular, devidos á sabotagem dos meios de communicação e transporte e ao bombardeio.

A PRESIDENCIA DA SUISSA — Na Confederação Helvetica, o successor do Presidente da Republica é o que occupava a vice-presidencia no anno anterior. A séde do Poder Executivo é o Conselho Federal, que se compõe de sete membros, eleitos por tres annos pela Assembléa Federal. Esta comprehende o Conselho Nacional e o Conselho dos Estados. Compete ao Conselho Federal eleger o Presidente da Republica. A direcção suprema da Suissa, nesse anno, vae ser entregue ao Sr. Marcel Pilet Golaz, que fazia parte do Conselho Federal desde 1928. E' o retrato de S. Exa. que damos aqui. — — — — — — — —

UM ENCONTRO INESQUECIVEL — A grande surpresa da Exposição de Automoveis Ford, recem-encerrada em New York, póde-se dizer que foi o encontro de Mary Pickford, a conhecida rainha do Cinema, com Henrique Ford, o celebre multi-millionario americano.

Era a primeira vez que se viam. Quer dizer que a emoção foi grande. Elles se sympathisaram muito, estabelecendo logo um dialogo, que foi curto mas mui cordial, o qual terminou por uma troca de autographos.

REVISTA

A MÃE DE UM DICTADOR — D. Ekaterina Dzugashvili, progenitora de Josef Stalin, supremo dirigente da Republica dos Soviets. E' o primeiro retrato da veneranda senhora, e foi tirado por Margaret Bourke White, a famosa photographa do Bello Sexo. D. Ekaterina, que está vestida á moda das moças georgianas de seu tempo, reside em Tiflis, a nova capital da Transcaucasia, num modesto apartamento, que ella não trocaria pelo mais sumptuoso palacio. Ella deu á luz seu illustre filho em Gori, em 1879, quando seu marido, Vissarion Dzugashvili, era um simples sapateiro. A mãe de Stalin destinava-o ao sacerdocio.

CONTRA A AMEAÇA DOS NAZIS — As fronteiras entre a Austria e a Allemanha, ao nordeste e noroeste do Tyrol, estão agora guardadas por patrulhas de ambas as potencias. A Austria, segundo o Dr. Steidl, seu Presidente, não póde permanecer de braços cruzados ante a ameaça dos Nazistas, que continuam a fazer *raids* de propaganda no territorio austriaco.

A photographia mostra como os turistas são revistados nos limites da Baviera pelos guardas allemães.

A REVOLUÇÃO NA UKRANIA — Fugindo á perseguição dos revolucionarios, muitos ukranianos abandonaram a Patria, refugiando-se no estrangeiro. Estes feridos que se se vêem aqui rumaram para a America do Norte, onde tiveram permissão de residir, depois de devidamente inquiridos pela Policia, que os mantem em tratamento num hospital.

AS GRANADAS NA PAZ... — Uma das secções da grande fabrica de petrechos bellicos de Washington. Millhões e milhões de granadas esperam ali a hora de ser remettidas para o estrangeiro. Durante a guerra (1914-1918), estavam trabalhando na "Navy Yard Gun Factory" mais de 10.000 operarios, especializados no fabrico de canhões para os grandes navios de guerra.

E' uma usina de enormes proporções, poucas se lhe podendo comparar.

Filmagem de — "Um Romance Antigo" — notando-se assignalado Frank Loyd (o director de Cavalcade) e os principaes personagens do film — Leslie Howard, Heather Angel.

Fans! Está chegando a hora!

MARIO NUNES

Artur de Castro, que dirige a publicidade da Fox, e ha longos anos ali exerce sua ativi-lade, galgando aquele alto posto por força do proprio merito, prepara agora o lançamento da temporada de 1934 a iniciar-se logo após o Carnaval, no Alhambra, o belo cinema do estimado Francisco Serrador. Pedimos-lhe que nos falasse dos exitos com que conta:

— Estamos perfeitamente á vontade para encarar com serenidade e segurança o ano cinematographico que vae ser dos notaveis porque todas as empresas vêm realizando um formidavel esforço de aperfeiçoamento e valorisação do film. Os elementos que a Fox reuniu são de molde a garantir-lhe successo, nada havendo que temer da concurrencia. Sidney R. Kent, presidente da Fox Film Corporation como Winfield Sheehan vice-presidente e director geral de produção asseguraram-se o inestimavel concurso de homens como José L. Lasky, Sol M. Wurtzel, A. L. Rockett, John Stone, De Sylva, Erich Pommer, Andre Daven, verdadeiras notabilidades da cinematographia, e aos quaes se devem já inumeras obras primas, que serão agora suplantadas. Esses productores illustres pouco poderiam fazer se não tivessem á sua disposição essa maravilha technica que é Fox Movietone Studio e um conjunto artistico que se expressa nos nove ou dez mêses de produção por alguns milhões de dolars... Sem seguir ordem alguma vá escrevendo: Janet Gaynor, Will Rogers, Lilian Harvey, Henry Garat, Sally Eilers, Warner Buster, Clara Bow, James Dunn, Elissa Landi, Spencer Tracy, John Boles, Heather Angel, Buddy Rogers, El Brendel, Leslie Howard, Adolphe Menjou, Myrna Loy, Victor Jory, Norman Foster, Frank Morgan, Herber Mundin, Mimi Jordan, Henriette Crosman, George O'Brien e o nosso, muito nosso Raul Rolien.

Quanto aos filmes já aqui se acham *"Meu béguin"*, com Lilian Harvey que vae ser um dos sensacionaes espectaculos do ano; *"Romance Antigo"* com Leslie Howard e Heather Angel um poema lirico; *"Jogo Diabolico"* com Spencer Tracy e *"Doutor Bull"* com Will Rogers, muito interessantes tambem. E virão vindo *"Walls of Gold"* com Sally Eilers e Norman Foster; *"Hoop-la"* com a inesquecivel Clara Bow de "Sangue Vermelho"; *"Life's Worth Living"*, tirado da novela "The last Adam", de James Gould Cozzens, com Will Rogers *"All men are enemies"* um segundo "Cavalcade"; *"Woman and the Law"*, com Spencer Tracy e Sally Eilers; *"Frontier Marshall"*, *"The Cisco Kid"* e *"Old Thursday"*, tres filmes de Warner Baxter em que pomos as melhores das nossas esperanças; *"Smoky"* da popularissima novela de Will James; *"Peking Picnic"*, grandiosa produção Jesse L. Lasky; *"Paddy"*, outra maravilha, com Janet Gaynor e Warner Baxter, o par sem egual; *"The World moves on"* que será a epopéa do ano, a maior realisação do cinema até os nossos dias *"I am a Widow"*, sensacionalissimo filme de Elissa Landi que tem como *partners* John Boles, Ralph Morgan, El Brendel e Victor Jory; *"Kiss and Forget"*, comedia musical com Henry Garat; *"I come from Hell"* pelo impagavel El Brendel e multidão de creaturinhas quasi núas..., *"The Power and the Glory"*, outro grande filme de Jesse L. Lasky com Spencer Tracy e Coolleen Moore que reaparece; e além de muitos outros uma surpreendente revista em que entram todos os artistas da Fox, a *"Fox Movietone Follies"*. E ainda 104 jornaes, 26 Tapetes Magicos e 12 desenhos animados. E ainda... — Basta! bradamos. Não temos espaço para mais. E assim tapamos violentamente a boca da publicidade da FOX.

Filmagem de "Doutor Bull"

Spencer Tracy e Claire Trevor em "Jogo Diabolico"

B. G. de Sylva, o compositor das canções de — "Meu Beguin" — com Lilian Harvey, a interprete do film.

VARIOS ASPETOS DA MARAVILHOSA CIDADE FOX MOVIETON

CARTAZES NA INTIMIDADE

ELISA COELHO FALANDO SEM MUSICA

(Entrevista de Francisco Galvão)

Elisa Coelho Goulart de Andrade (caricatura de Flavio)

O apartamento ali na Gloria, quasi ascendendo á montanha, naquella manhã de Sol, onde mora Elisinha Coelho de Andrade, montado a bom gosto, cheio da graça e do brilho dos moveis modernos, trazendo na parede desenhos de Lula e um retrato de Flavio Goulart de Andrade, o estheta finissimo que é o seu marido, demonstrava, evidentemente, o bom gosto da artista encantadora que o Rio tanto estim

Seguro a uma capêta negra, com enfeites encarnados, vivos, Luis Felipe, de poucos mezes, alegrava o lar feliz com o seu sorriso harmonioso e puro.

El a Coelho começa a dizer da sua arte. Naturalmente, sem a menor affectação. Traça o perfil do seu collaborador, de Hekel Tavares, com quem perlustrou c Nordeste aprendendo a sentir a musica do "folk-lore", convivendo com a gente amavel que soffre, sorrindo, a canicula bravia, e se alegra com a volta dos primeiros pingos de chuva.

Começo a recordar a maravilha do "Verde," versos de Ascenço Ferreira, e musica de Hekel, que Elisa interpreta maravilhosamente.

O verão arde nas folhas das arvores. Abrindo as persianas e olhando a rua, diz-nos com graça, os ol'os numa attitude de reminiscencia:

—Embora nascida nos pagos, gostando bastante da querencia, trouxe para sempre a paisagem do Nordeste dentro do coração. Creio que ali é que vive o Brasil primitivo.

Flavio Goulart de Andrade que é um "gentleman" mostra-nos um disco novo gravado pela grande cantora, que é o passaro moreno a viver sempre na admiração do publico.

Elisa Coelho sorrindo de uma travessura do filho.

— Diga-me de sua Arte, de sua Vida?

— E' o jornalista que quer saber... Estou pensando que o jornalista é irmão gemeo da curiosidade, guardando, ainda pelos annos, aquelle "porque?" das creanças intelligentes.

Mas, que quer que eu lhe conte? talvez uma historia bonita, com encantos e desencantos. Sim! desencantos tambem, não os que travam, os que amargu-ram... Quero alludir só ás historias bonitas, onde uma fada madrinha sempre desencanta a creatura, transformada em qualquer cousa, para a bondade e a belleza da vida.

Não tenho memoria de quando comecei a cantar. Dizem os meus que desde pequenina, com dois annos. Isto esclarece que entendi logo o destino que Deus me reservara. Sendo filha dos pampas, de onde me apartei aos cinco annos, tinha que trazer, e trouxe, as melodias gauchas, lembranças de violas tristes e de cordionas alegres, tudo no caminho da saudade dos primeiros annos, pelo ensaio que me deu e de que me apartei em viagens daqui para ali. Durante muito tempo cantei, cantei, sem me deter em nenhum genero. Aqui no Rio, já conhecida em alguns salões e no Radio Club e Radio Educadora, Hekel Tavares me encontrou. Devo a elle, de inspiração sempre feliz, estylisando motivos populares, o exito que por acaso alcancei na interpretação de seus trabalhos brasileiros, bem brasileiros. Podia dizer então que tinha tomado pela estrada certa, pois Hekel Tavares me levou a comprehender a alma cantante do Brasil, que está lá no Norte, em sua rêde, embalada aos rythmos nativos, revivendo todas as tradições. Vi coisas surprehendentes para uma filha do sul. Foi lá que aprendi os "Maracatús", desde o ensaio nas casas, seguindo-o nas ruas, gemendo ainda uma saudade, agora christã, festa dos santos reis. Foi de lá que vim cantando as creações musicaes de Hekel para os velhos themas que são "Invocação de Loanda", "Oração e Dansa", "Festival", em toda a sua belleza barbara e espirito nostalgico. Foi no Norte que conheci a riqueza do "folk-lore" brasileiro, na propria nascente e ganhei uma alma para sentir suas toadas, suas dansas regionaes, seus acalantos e esse "Verde!" que é chôro da terra secca, uma esperança soffrendo sempre...

Elisa Coelho, cantando o "Verde".

Elisa Coelho, na companhia de seu marido, sendo entrevistada.

Elisa, Hekel, com a preta Maria Joanna, em Pernambuco.

Em Pernambuco, no Engenho Martinica, conheci Maria Joanna, artista do sertão, primitiva, afamada, colhendo, ao ouvil-a, verdadeira aprendizagem. Assim foi no "Meu amor tão bom..."

Que historia comprida eu lhe contaria... De como enriqueci o meu repertorio no Norte, de como encontrei lá, novinha, a poesia para as canções que canto...

Hoje, o meu acompanhador é Mario Cabral. Estou satisfeitissima porque Mario levou para a sua virtuosidade os segredos que Hekel executa, mas não quer escrever.

Pois foi assim: Cantava tudo, cantava nada. Um dia uma fada (chama-se Alma Brasileira) tocou-me com a sua varinha verde-amarello e eu passei a cantar a canção do Brasil.

Foi assim que ella nos disse de sua peregrinação pela belleza.

CIDADES DE SÃO PAULO

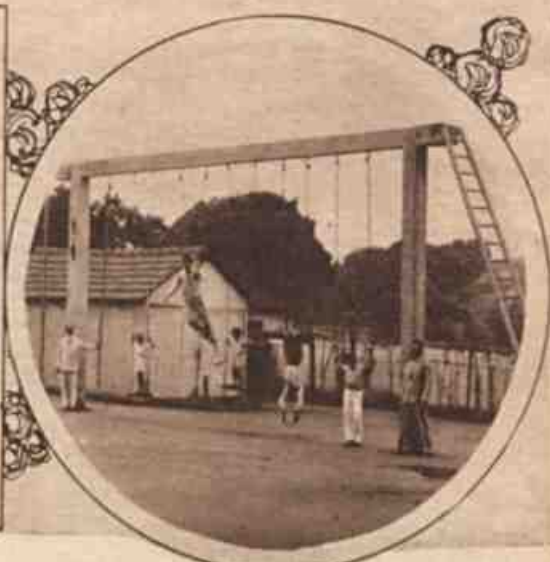
CAMPINAS
Mercado Municipal

SÃO CARLOS
Palacio da Prefeitura Municipal

Escola Normal

Gymnasio de São Carlos

ARARAQUARA

Fachada do Gymnasio São Geraldo, de Araraquara, cujo predio foi offerecido ao governo do Estado paulista. — 3º Grupo Escolar

Gymnastica no Pateo do Gymnasio São Geraldo

FRANCA
Vista parcial do Jardim Publico

RIBEIRÃO PRETO
Trecho da Praça 15 de Novembro

ILUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

O professor João Baptista Brandão Proença, que encanecera no magisterio, era, na então pacata e provinciana cidadesinha de Curitiba, altamente prezado e vastamente querido.

Já havia ensinado e educado a varias gerações, quando eu o conheci. E ao ser-me apontado por Emilio de Menezes, garoto endiabrado e temido, senti pelo autor do hymno da Paraná e pelo patriota que escorvava o ardor mavortico dos voluntarios que partiam para o Paraguay — um profundo e commovido respeito.

De Emiliano Pernetta e de Emilio de Menezes foi elle o primeiro accendedor da lampada espiritual.

O velho mestre era um varão recto e integro. A' sua passagem pelas ruas, ora poeirentas, ora lamacentas da Curitiba cabocla e ingenua, todos se descobriam. Igual e tocante homenagem rebia o doutor Agostinho Ermelino de Leão, illibado juiz de direito da comarca.

Mas o professor Brandão era um famoso caçador...

Uma segunda-feira, com grande espanto da meninada escolar, elle appareceu macambusio, de physionomia desalentada, os olhos sem brilho por traz dos vidros dos oculos de tartaruga... Que magoa immensa estaria pungindo o venerando mestre? Um alumno, mais affoito, arriscou-se a perguntar:

— Por que está tão triste, professor?

Era a deixa esperada...

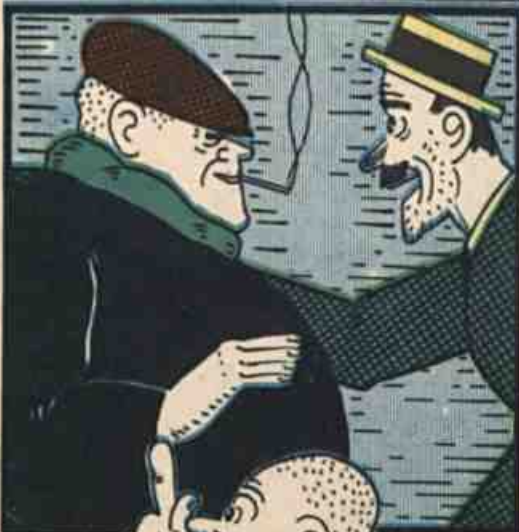
— Ah! meus filhos! O meu papagaio fugiu!... Aquelle papagaio que eu criei com tanto mimo, com tanto amor! Que eu ensinei a dizer coisas tão bonitas, que era um goso ouvil-o! Tantos o queriam... Foi máo olhado! E lagrimas indiscretas borbulharam nos olhos severos do velho educador.

A semana correu chôcha, sem animação, sem organisações, sem anecdotas, sem piadas, sem risos... Uma semana funebre!

Na segunda-feira seguinte a physionomia do velho professor estava illuminada a giorno! Tudo nella ria — ria escandalosamente, com uma adoravel infantilidade!

— Bravos, seu mestre! Acabou o luto das nossas almas, exclamou o menino Emilio de Menezes, appellidado "o doutor mosquito".

— Ora, imaginem vocês, que hontem pela manhã, quando apontei a espingarda para um bando de papagaios e de periquitos, pousados numa grande arvore, a bicharada rompeu num vôo ruidoso. Na frente ia um lindo papagaio que cantava: Santa Maria! Ora pro nobis! respondiam, em côro, os que lhe seguiam o rastro aéreo... O meu bello ingrato havia ensinado a ladainha aos companheiros... Ingrato? Não! Elle me reconheceu, e veiu pousar no meu hombro... E lá está, meus queridos filhos, alegrando a nossa casa...

O Allemão Frederico Stock, que viera como colono para o Brasil, estava ao cabo de dois annos, tão identificado com os habitos dos nossos caboclos, que havia substituido o charuto hamburguez pelo cigarro de palha grossa e fumo picado, a cerveja pela cachaça e o chá pelo matte chimarrão. Tendo casado com brasileira, convidou um brasileiro para padrinho do primeiro filho. E eram amigos a valer — os compadres.

— Uma tarde, Fritz chupando displicentemente um cigarro de legua e meia, cavaqueava com o amigo:

— Lá, no minha dérra eu dinho um vábrico de vaze vôvoro...

— Então, você lá era gente...

— Dinho vaorico de váze fidra br'o carrafo...

— Você, então, era bichão graúdo!

— Dinho vábrico de váze bano br'o banho...

— Isso é mentira, compadre. Se você tivesse tudo isso, não vinha pr'a cá.

E o Fritz, inalteravel:

— Lá isse é fertáde, cumbadre ..

●

O Tonico Siqueira era um caboclinho azougado, mettido a cebo, pernostico e ignorante.

Filho unico de um velho agricultor, que accumulára, pelo trabalho e pela economia, respeitaveis haveres, o Tonico, com a morte delle, se viu senhor, em terras e dinheiro, de consideravel fortuna. E para logo se lhe encasquetou na cachóla a idéia de uma viagem á Europa Annunciou-a com estardalhaço pela vizinhança toda, de algumas léguas em redor. E toda a caboclada entrou a matutar sobre o caso. Que idéa esturdia a do Toniquinho, commentavam.

Elle, porém, partiu, e partiu com apparatos e fragor. Quanta chininha a chorar de saudade pelo guapo rapaz!

Depois de rápida permanencia no Rio de Janeiro, rumou o Velho Mundo, commodamente installado em luxuoso transatlantico. E o quanto elle tornou divertida essa viagem, nem queiram saber!

Desembarcou em Lisboa. Na capital portugueza ficou seis mezes. Durante esse meio anno, nem o Porto teve curiosidade de conhecer. De regresso aos pagos, fez do dia de sua chegada á fazenda um acontecimento memoravel. Um mundão de gente a querer abraçal-o, a querer ouvil-o. Ao jantar, que foi lauto e bem regado, só elle falava. E como encheu de assombro a caipirada ingenua!

— Vocês nem pódem maginar as belleza daquellas terra! Paris, Londres, Berlin, Vienna... E' da gente ficá louco, meus amigo! Mas o mió, pr'a mim, fui em Roma. Fiquem sabendo que fui a Roma, e que vi o Papa. Arcancei uma audiença especiá pr'u influença dum amigo de importança. O Santo Padre me arrecebeu com uma saudação em taliano. Arrespondi no mesmo tom. Virou pr'o francez, pr'o ingrez, pr'o lemão, como querendo me experimentá, e eu sempre arrespondendo na hora. Quando o Papa se alembrô de entrá no latim, deu no meu chão. Nós estava falando, palavra puxa palavra, sobre o Brasi, quando o véio espirrou. Ahi eu encabulei... E sabem pr'a móde do que? Pruquê não havia módo de me alembrá cumo era Dominus tecum! em latim...

VELHA SE'!

ILLUSTRAÇÕES DE FRAGUSTO

Aquelle feio templo, aquelle templo enorme,
Estendendo-se ali, dos cimos da cidade
Em pleno coração, como um Titan que dorme,
Aquelle feio templo é tradição e gloria...
Avança no passado a sua antiguidade
E vae buscar bem longe, entre os fastos da Historia,
O dia alviçareiro, altiloquo, immortal,
Em que as bençãos de Deus a sagraram de um povo
Primeira Cathedral.
O Brasil inda infante, o Brasil inda novo
Aprendeu-lhe a rezar pelas naves abertas.
Nos momentos de paz, de serena alegria
Ou nas horas de dor, angustiosas, incertas,
De joelhos ante o altar sua oração erguia,
Preito de gratidão ou tributo de fé.
Vetusta igreja, legendaria Sé!
Vens de um passado antigo á visão do presente
Impavida assistindo o passar de tres seculos
E nelles todo o cháos de uma vida nascente
Em paiz conquistado,
(Rivalidades, surdas ambições,
Despotismo e cobiça de mãos dadas,
Renhidas guerras, tredas invasões,
Arrogancias de mando, erros, ciladas...)
Toda a obra incessante do progresso
A que o trabalho humano está impresso
(A industria, a agricultura, o commercio, as cidades,
As escolas, criação, artes, imprensa,
As conquistas da sciencia através das idades)
E toda a pregação fecundissima, intensa
No terreno feraz, das lucidas idéas
Que trouxeram á Patria immortaes epopéas:
A Independencia, a ansiada Abolição,
A sonhada Republica.
Tu, és, pois, velha Sé, um lidimo padrão,
Aureo marco de luz de todo esse passado,
De que a Bahia foi berço predestinado.
E's um élo moral vinculando-o ao presente...
Agora
E' mistér que te vás, é mistér que te apagues
Antes que do progresso a obra continua estragues...
Anda já no teu flanco o alvião inconsciente
E tu'alma de pedra atormentada chora
Vendo a profanação das lousas seculares,
As imagens descidas dos altares,
Apeiados da torre os bronzeos sinos
Que nas vozes cantaram tantos hymnos,
Descidos os paineis, o lavor arrancado,
E desfeito em caliça, em pedras, em poeira,
O pulpito glorioso onde pregou Vieira.
E' teu occaso... o desmoronamento.
Quando tudo acabar, no chão glorificado
Ha de se erguer moderno monumento
Que falará de ti... Oh! pungente ironia!
De ti que derrubaram sem pesar...
Que te seja conforto em tão duro momento
O protesto viril desta altiva Bahia,
Templo augusto de Deus, tres vezes secular.

ELVIRA CELESTINO

DA MINHA AMAZÓNIA MISTERIOSA

Iára dos rios encantados da Amazônia!
Sôlta o teu canto lindo
por sobre as folhas espalmadas
e o perfume sutil
das Vitórias-régias.

O caboclo pára a igarité, apura o ouvido;
segura fortemente o jacuman
e, espavorido, foge do teu canto.

Todos fogem de ti, Iára formosa.
E, no entanto,
tu és mulher e vives no misterio.

E tu cantas.
Ha sussurro de luz,
de luz palida da lúa por sobre a Natureza.
E, na floresta imensa
onde o caipora se escondeu,
o rio-mar arrasta silenciosamente
a sua caudal de prata!

PAULO D'ERVAL

TARDE DE AMOR

A tarde morre em surdina
numa tristeza discreta.
Essa tarde purpurina
que, silente, assim declina
é bem a alma de um poeta.

Tarde de amor! Certamente,
tens que aos vates inspirar;
pois a alma triste da gente
tem tambem o seu poente,
como a tarde a declinar.

Tarde triste, em agonia!
No ocaso de ouro o sol-por...
Tarde triste, em agonia!
Tu tens a melancolia
dos meus poemas de amor.

Orlando de SOUZA

Por BERILO NEVES

Quando um homem deixa de dormir pode ser amor e pode ser pulga. Quando uma mulher deixa de dormir, fatalmente é pulga...

— — o — —

O riso é a ultima phase da evolução do relincho...

— — o — —

O luar é uma luz que enlouqueceu e se fez romantica...

— — o — —

O homem e o gato são os unicos animaes que fazem ruido em torno dos seus amores.

— — o — —

A mulher encontra mais rapidamente um piôlho do que uma idéa...

— — o — —

As grandes felicidades tão tão raras que fazem imbecis os que as encontram...

— — o — —

No amor, as leis só servem para despertar a volupia de as violar...

As grandes virtudes são mais antipathicas do que os grandes vicios...

— — o — —

A prova de que a intelligencia é um bem de segunda ordem — é que as mulheres são menos desgraçadas do que os homens...

— — o — —

A imaginação é uma fabrica clandestina de realidades...

— — o — —

Depois de um certo limite a esperança muda de nome e passa a chamar-se estupidez...

— — o — —

Uma dama casada que resiste a um homem que não seja o seu marido — só é honesta em relação a esse homem. E' uma honestidade 1. Se resiste a 2, é uma honestidade 2. E assim por diante...

— — o — —

O Universo é a mais bella das obras anonymas...

— — o — —

Dá-se o nome de **amor** á arte de amarrar um laço de fita no focinho de um porco.

— — o — —

O pessimismo é um modo de soffrer a prestações...

— — o — —

A sympathia é uma feiura com restricções...

— — o — —

O osso é uma substancia que não se commove. Por isso é o que se acaba por ultimo...

— — o — —

Outróra, as unhas só serviam para arranhar. Hoje, servem de ponto de contacto entre os homens e as manicures..

— o —

O beliscão é o resumo silencioso de um bofetao que falhou...

— — o — —

A linha recta é a distancia mais curta entre dois pontos. Exceptuam-se os casos em que se encontra, no caminho, um homem que conta anecdotas...

— — o — —

Quando uma dama se cala, ou está preparando uma nova mentira, ou está tratando de remendar uma mentira velha...

— — o — —

O astronomo é um sujeito singular: conhece a topographia da Lua mas não sabe onde anda sua mulher...

— — o — —

E' falso que as mulheres não comprehendam os homens de genio. O facto é que o homem que se casa já não é de genio...

— — o — —

Uma mulher diante de uma obra de arte é como um gato diante de um incendio: admira o clarão, mas não o entende...

— — o — —

No dia em que já não fôr prohibido peccar, as mulheres ficarão insupportavelmente honestas...

— — o — —

Invejo os macacos: nunca têm necessidade de se divorciar das suas macacas...

— — o — —

As damas não gostam disto, nem daquillo: gostam dos que não possuem... Para a mulher de um **boxeur**, nada melhor do que um poeta. A mulher de um poeta vive sonhando com um **boxeur.** E' a lei dos contrastes — a mesma que gera a electricidade, que illumina o Mundo...

— — o — —

A graça é a intelligencia da materia. Ha mulheres graciosas. Não ha mulheres intelligentes.

— — o — —

O beijo é uma phrase sem palavras, uma phrase propria dos doidos e dos analphabetos...

ILLUSTRAÇÃO DE THEO

O POBRE REI DA CREAÇÃO

por CHRISTOVAM DE CAMARGO
(Illustração de Acquarone)

ESPECIAL PARA "O MALHO"

HAVIA algumas horas que lutava com as ondas. Sentia-se exhausto. Prestes a perecer, avistou ao longe uma ilhota. Era a salvação! A esperança deu-lhe novas forças. Revigorou as braçadas, transformou todo o corpo em nervos e, em alguns minutos, conseguiu pôr pé em terra.

As emoções, o esforço, o exgottamento de todo o seu ser naquella estupenda batalha com a morte, atiraram-no prostrado ao solo. Adormeceu.

Não poderia precisar quanto tempo ficou assim entregue. Quando voltou a si, sentia-se fraco, com terriveis caimbras de estomago, mas repousado.

De repente, uma sensação estranha... Mas... que seria aquillo? A ilha parecia mover-se... Horror, havia ido parar no dorso de uma baleia!

Começou a andar de um lado para outro, agitado. Tantas voltas deu, presa de um nervosismo que não podia sopitar, tanto virou, mexeu, que a baleia acabou por presentil-o. — Esta mosca já me está aborrecendo, disse comsigo. E fez um pequeno movimento, uma contracção insensivel das costas, como para sacudir o insecto importuno. O pobre naufrago cahiu de bruços e quasi rolou ao mar. Um grito sahiu-lhe dos labios contrahidos em um rictus de pavor.

— Uê, disse a baleia, parece que não é uma mosca.

E, dirigindo-se áquelle hospede inesperado, perguntou-lhe mansamente, com essa doçura que só a força póde dar:

— Quem é você e que está fazendo ahi?

O homem estranhou aquella attitude humilde. A baleia parecia medrosa... A sua salvação estaria, quem sabe, em intimidal-a, forçando-a a conduzil-o a terra firme.

— Quem sou? Ora essa, é uma pergunta que me causa estranheza. Pois ainda não comprehendeu? Eu sou um homem, e ordeno-lhe que me conduza sem tardança á terra mais proxima!

A baleia teve um momento de espanto. Mas acabou sorrindo: — tem graça, este camarada...

— Um homem? Nunca ouvi falar nisso... Ora, um homem, que quer dizer um homem?

— Então não sabe!... Pois sou um homem, o dono do mundo, senhor do céo e da terra! Eu sou o rei da creação!

— O rei da...

A baleia não poude conter-se. Não, era demais! Então, aquelle insecto, o rei da... Poz-se a rir, a rir, a rir, que rebentava.

Mais calma, quiz continuar o dialogo:

— Mas então, conte-me como é isso, você, o rei da creação, hein?

O homem não respondia. Nem podeia fazel-o: ao primeiro estremeção da baleia no seu irresistivel ataque de riso, rolara desarvorado, desapparecendo no seio das ondas.

— E' assim, papae?

Paft!

Knock out! ("Evening Post")

Concurso de almofadas bordadas a machina instituido por MODA E BORDADO

Uma parte da assistencia á linda festa da entrega dos premios ás vencedoras do concurso de almofadas bordadas a machina, instituido pela "Moda e Bordado".

No salão nobre da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se a linda festa de arte que Moda e Bordado, o elegante figurino brasileiro, promoveu para julgamento do concurso de almofadas bordadas a machina, ha pouco instituido. Os trabalhos apresentados revelaram a suprema arte das nossas gentilissimas patricias nos trabalhos de agulha, merecendo o justo premio de esforços e habilidades dispendidas. A mesa julgadora, presidida pelo director de *Moda e Bordado*, Sr. Otto Sachs, foi constituida dos representantes da S. A. "O Malho", Sr. Ismar Dias da Silva, da Casa Pfaff, Sr. Soledade, da directora de *Arte de Bordar*, Sra. Christina Duarte Silva, da Casa Singer, Sra. A. Clements, — as quaes lavraram a acta de julgamento. Os trabalhos julgados bem como os premios conferidos acham-se em exposição na vitrine da Casa Singer á rua do Ouvidor.

A mesa que presidiu á entrega dos premios ás concurrentes victoriosas.

As almofadas classificadas nos primeiros logares e alguns dos premios a que fizeram jús.

A senhora Malvina Kahane, cercada das alumnas que receberam o diploma do curso da Academia de Corte e Costura.

Outro aspecto da elegante reunião, vendo-se a directora da Academia de Corte e Costura, cercada das alumnas recem-diplomadas e de convidados.

Outro grupo de alumnas da Sra. Malvina Kahane, que acabam de se diplomar, cercando a directora da Academia de Corte e Costura.

ACADEMIA DE CORTE E COSTURA

A Academia de Corte e Costura desta Capital, de que é directora a Sra. Malvina Kahane, realizou, a 23 de Dezembro findo, a sua festa annual de entrega de diplomas ás alumnas que terminaram o curso de modistas, segundo a technica moderna.

A Sra. Malvina Kahane, que dirige tambem a secção de moldes artisticos que se encontram em todos os numeros do figurino elegante que é *Moda e Bordado*, ao par da linda festa que foi a entrega de diplomas ás suas alumnas, organizou uma artistica exposição de vestidos — expressão viva da sua arte notavel, muito admirada pela selecta assistencia. Nas photographias junto ha aspectos da encantadora festa de arte e mundanismo com que a Sra. Malvina Kahane brindou suas alumnas e convidados.

OS LIVROS DO DIA

"POR AMOR DO MEU AMOR"

PAULO Gustavo, o poeta delicadissimo que, hoje, conta no Brasil, talvez, com o maior numero de leitoras, acaba de publicar a 2ª edição do seu livro "Por Amor do meu Amor". A "Civilização Brasileira" deu um lindo e elegante formato a essa obra que tem alcançado, não só um ruidoso exito de livraria, mas tambem merecido um enthusiastico acolhimento por parte dos nossos mais notaveis criticos.

"MULHERES E MONSTROS"

MAIS um livro notavel de João de Minas, o escriptor que tomou de assalto um dos primeiros logares das letras nacionaes, com a publicação dos primeiros trabalhos literarios. "Mulheres e Monstros" é uma obra forte, moldada naquelle estylo vigoroso e encantador, descrevendo coisas terriveis e maravilhosas da nossa terra, que João de Minas observou ou imaginou. E' um livro destinado a um grande successo, e que a "Unitas" de S. Paulo editou, num bello volume moderno e bem feito.

"A ILLUSÃO BRASILEIRA"

AMERICO Palha, jornalista que tem occupado, na imprensa do paiz, os primeiros postos de combate, acaba de publicar um trabalho precioso sobre os mais palpitantes problemas da actualidade brasileira. "A Illusão Brasileira" é a obra de um sociologo que alia á justeza de uma penetrante observação a elegante simplicidade do estylo. A obra, editada com gosto, por Adersen, traz um prefacio de J. E. de Macedo Soares e uma apreciação de Lindolpho Collor.

A LUTA CONTRA AS SERPENTES NO BRASIL

O MALHO vae publicar uma preciosa collaboração do director do Instituto Butantan, vulgarizando ensinamentos sobre essa materia.

APESAR de não ser uma revista especializada, O MALHO achou que seria de maximo interesse para os seus leitores inserir, a partir do proximo numero, uma serie de artigos do conhecido scientista, Dr. Afranio do Amaral, director do Instituto Butantan, sobre ophidismo, escriptos, especialmente, para esta revista.

Nesses artigos, em que os ensinamentos mais necessarios da campanha antiophidica e anti-venenosa são ministrados com clareza, o leitor terá, deante dos olhos, graças aos recursos da illustração, todos os meios capazes de facilitar a comprehensão da util e curiosa materia, que vae ler, com verdadeiro prazer.

A vulgarização desses conhecimentos não apresenta, apenas, a curiosa attracção de um estudo scientifico versado em linguagem corriqueira, mas tambem constitue um assumpto que interessa de perto a todos os brasileiros, sabidas as proporções com que se apresenta o problema anti-ophidico em nosso paiz.

Principalmente, quando taes publicações trazem a chancella de uma autoridade, como a do director do Instituto Butantan, cujos trabalhos nesse campo dispensam qualquer referencia.

SOBRE O VALOR DA RECTOSCOPIA

R. Pitanga Santos, assistente de Clinica Cirurgica da Universidade do Rio de Janeiro e um dos nossos scientistas de maior evidencia, acaba de publicar um palpitante estudo "*Sobre o valor da rectoscopia*" onde se affirmam, ainda uma vez, sua grande capacidade profissional e sua rara dedicação á sciencia a que tem consagrado sua exemplar vida de estudioso.

O SUPER-HUMANISMO DE VICENTE LICINIO

VICENTE Licinio Cardoso foi um dos mais lucidos espiritos do nosso tempo. Penetrante, fecundo e original, elle deixou varios trabalhos notaveis pela sua profundeza e diversidade, não obstante o seu prematuro desapparecimento. Perlustrando as pegadas dessa vida luminosa e modesta, Castilhos Goycochêa, escriptor já consagrado por varias obras de valor, acaba de editar um interessante trabalho em que nos revela, com muita sagacidade, as expressões fascinantes daquelle espirito de escol. Esse livro faz justiça a Vicente Licinio e põe o publico nacional em contacto com uma grande figura do pensamento brasileiro contemporaneo, que, pela sua modestia, ainda não teve a consagração que merece. O volume teve os melhores cuidados da Editora Alba.

"O OUTRO MUNDO"

O Editor Calvino Filho acaba de lançar mais um livro de grande interesse: "O Outro Mundo". Trata-se de uma novella curiosissima, em que o autor, Epaminondas Martins, aproveitando, com muita intelligencia, as suas invejaveis qualidades de estylo e de imaginação, dá extraordinario relevo á fantastica aventura de uma viagem interplanetaria.

O novellista faria situações impressionistas, jogando com a observação dos phenomenos naturaes. Um fiosinho de romance amoroso concorre para augmentar o interesse do leitor pelo enredo.

NOS DOMINIOS do BOX

A QUEDA DE UM CAMPEÃO — O boxeur americano Tony Canzoneri (á esquerda) poz fóra de combate, no decimo *round*, ao campeão europeu Cleto Locatelli, no encontro que tiveram ultimamente no Madson Square (New York). Foram photographados no momento em que Tony esmurrava o estomago de seu competidor.

O BOX NA CALIFORNIA — Um dos "matches" mais emocionantes, a que tem assistido aquella prospera localidade norte-americana, foi a luta entre o Dr. Freddie Meyers e Sammy Stein. O doutor ganhou a partida, depois de combater valentemente com o adversario, que era respeitavel. Stein foi prostrado na lona por um "haymaker", o que se póde ver na photographia. O arbitro, Joe Gardenfield, tendo sido *desrespeitado* pelo vencedor, feriu-o na cabeça. Houve tumulto na platéa.

UM RIVAL DE CARNERA? — E' um inglez, de nome Roger Hunter (o que se vê aqui), que pretende arrebatar ao gigante italiano o titulo de campeão mundial de box. Roger é diplomado pela Escola de Policia de Londres e, emquanto não entra para a Academia de Policia, mantem a ordem nas ruas de Westminster.

Carnera

E' candidato á Taça Lafone. E' mais alto que Carnera. Tem vinte annos de edade. Pesa 260 libras.

O PAVILHÃO DA UNIÃO DOS DESPACHANTES ADUANEIROS — Aspecto da inauguração da séde e baptismo do pavilhão da União dos Despachantes Aduaneiros, tendo sido paranympho o Sr. Pedro Vi vacqua, presidente da Ass. Com. do Rio de Janeiro.

O MALHO NA BAHIA

Quando do banquete offerecido ao Prof. Altamirando Requião, director do "Diario de Noticias", no Hotel Sul Americano. No cliché o homenageado lê seu discurso de agradecimento.

Ainda o Concurso de musicas carnavalescas

Seis dos premiados no concurso de sambas e marchas, promovido pelo O MALHO, num grupo feito na gerencia desta revista, quando recebiam os premios a que fizeram jús.

Ahi estão: sentados — Candido das Neves e Saint-Clair Senna; e de pé — José Maria de Abreu, Ary Kerner, Humberto Teixeira e Manoel Queiroz.

Mario Moraes que cantou com grande successo a marcha "Não sou yô-yô", classificada em 1.º logar.

Lourenço Barbosa, director do Jazz Band Academia de Pernambuco, residente em Recife e autor da marcha "Vou beijar a tua bocca", tambem classificada no nosso concurso.

SENHORA

Pleno verão.

Epoca de vida ao ar livre.

O calôr sufocante impele-nos para a beira da praia, quando não nos proporciona um *good time* na montanha.

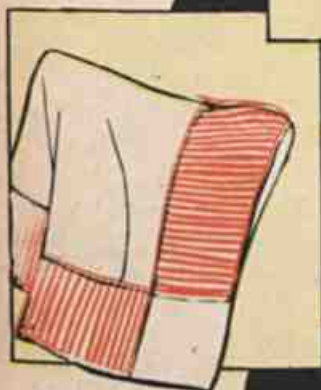
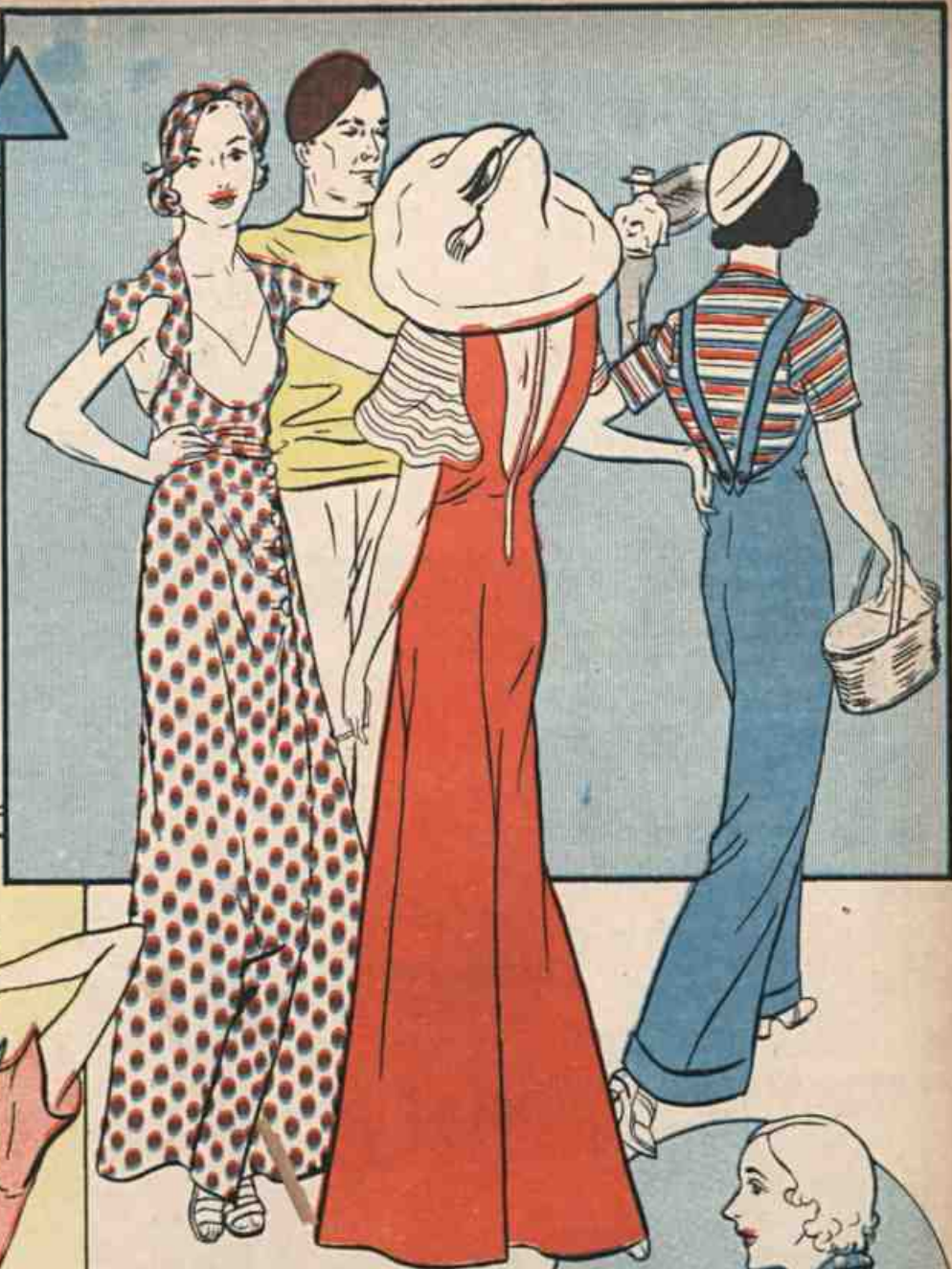
Terezopolis, a linda cidade que de longe avistamos indicada pelo dedo de Deus, acolhe os que podem fugir do asfalto da Avenida. E os que ficam, claro que procuram sitios onde a temperatura pelo menos seja suavisada por um pouco de brisa... morna.

A praia, então, é o ponto atraente.

Que bonita está nestes dias de sol brilhante! O mar muito azul, e, pelâ areia branca, moças graciosamente trajadas de linho, de "voile", vestidos de côrte simples, sem mangas, costas nuas, apropriados ao calôr e á vizinhança da agua salgada.

A sereia do mar já nem se atreve a seduzir os banhistas. Ha tanto que apreciar cá fóra, entre o asfalto da Avenida Atlantica e as ondas azues.

Esta pagina ocupa-se, hoje, de modelos de roupas de praia, todos originaes e praticos.

Qualquer dêles, quer em tecido liso, quer estampado com bolas ou ramagens, será mais uma demonstração de elegancia. — *Sorcière*.

A' esquerda, sobre uma blusa de téla de seda rosa fraco, um lenço azul marinho pastilhado de vermelho. Acima: um pijama de linho branco e pastilhas havana escuro; pijama de crêpe de lã e seda vermelho lacre, mangas de cambraia branca e "soutache" de seda preta; calças de flanela marinho, "sweater" listrado de branco, vermelho e azul. A' direita: calças de crêpe de seda "marron", simulação de blusa de crêpe azul medio e ramagens amarêlo quente.

Um lenço de seda branca bordada com "soutache" vermelho vivo; sandalias de sola de madeira e tiras de linho; chapeu de linho pardo com "feston" de cadarso preto.

Como vestem as "estrellas" de Hollywood

ALICE BRADY — trajada de setim preto — e CLAUDETTE COLBERT — com um bélo vestido de seda "damassée" rosa cravo, deixam-se fotografar numa festa em casa de Mamoulian.

CATALINA BARCENA mira o cacheado dos cabêlos de oiro, e é uma linda silhueta trajada com um "deshabillé" de seda brilhante rosa seco, rendas arroxeadas na pála.

CATALINA BARCENA, da Fox, veste, em "Eu, tu e ela", a roupa esporte que aqui se reproduz.

O vestido preto de ELISSA LANDI tem mangas graciosas, graciosamente armadas sobre tule de seda plissado em varias folhas.

DOROTHÉA WIECK atesta, pelo que se vê, a elegancia do "taffetas" listrado em escossêz, num traje de jantar.

CONSELHOS UTEIS

Lavar trabalhos bordados requer o seguinte: dissolve: em agua fervendo um pouco de sabão de otima qualidade até que se obtenha uma agua bem sabcnosa; amorná-la com agua fria. Lavar o bordado rapidamente, sem esfregar o tecido. Retirá-lo, mergulhá-lo em agua morna, depois em agua fria. Em seguida, como processo de reavivamento, mergulhá-lo, remexendo-o de leve, em agua fria adicionada a 1/10 de vinagre branco, depois em agua fria pura. Não torcê-lo. Enrolá-lo numa toalha espremendo-o sem pressão forte. Pô-lo a secar ao ar livre, na sombra, e, ainda humido passá-lo a ferro pelo avesso (ferro moderadamente quente).

Nunca se deve deixar o bordado dobrado, sózinho, sobre êle mesmo.

Mesmo depois de passado a ferro uma folha de papel de seda deve ser posta em cada dobra.

PARA A COZINHA

Bolinhos — *Pop-Overs*:

1 chicara de farinha de trigo, 1/4 de colherinha com sal, 1 chicara de leite, 2 ovos batidos, 1 colher de manteiga derretida.

Peneira-se a farinha com o sal, acrescenta-se, gradualmente, o leite, depois os ovos e a manteiga. Bate-se durante cinco minutos. Despeja-se em forminhas quentes, untadas com manteiga. Assam em forno quente durante 30 minutos, ficando mais 15 minutos no forno moderado, quasi sem bicos de gaz acesos. A porta do forno não pode ser aberta durante os primeiros 30 minutos. Esta receita dá para 10 bolinhos.

PÃO DE GENOVA

Pilam-se 150 gramas de amendoas peladas com 150 gramas de assucar. Acrescentam-se pouco a pouco, socando sempre, dois ovos e uma gema batidos junto, durante uns dez minutos; em seguida serão postos, na ordem por que vão sendo mencionadas: uma colherinha de Kirsch, 75 gramas de farinha de trigo, uma clara batida no ponto de suspiro, 75 gramas de manteiga derretida.

Guarnece-se o fundo de uma fôrma apropriada com papel pardo untado com manteiga, levando-se ao forno durante uma hora.

Duas peças da "lingerie" moderna. A combinação é como a camisa calça: bem decotada nas costas, para que possa servir com vestidos de praia ou de "soirée".

A MODA
PARA GENTE MEÚDA

1 — Pyjama de "toile de soie" listrada.

2 — "Robe de chambre" de linho estampado.

3 — Pyjama de cambraia de linho amarello quente, alamares de seda preta.

4 — Sunga de zephyr listrado.

5 — Sunga de linho azul, uma fila de pintinhos de linho amarello na pála, golla de seda plissada, branca.

6 — Casaco de flanella escoceza.

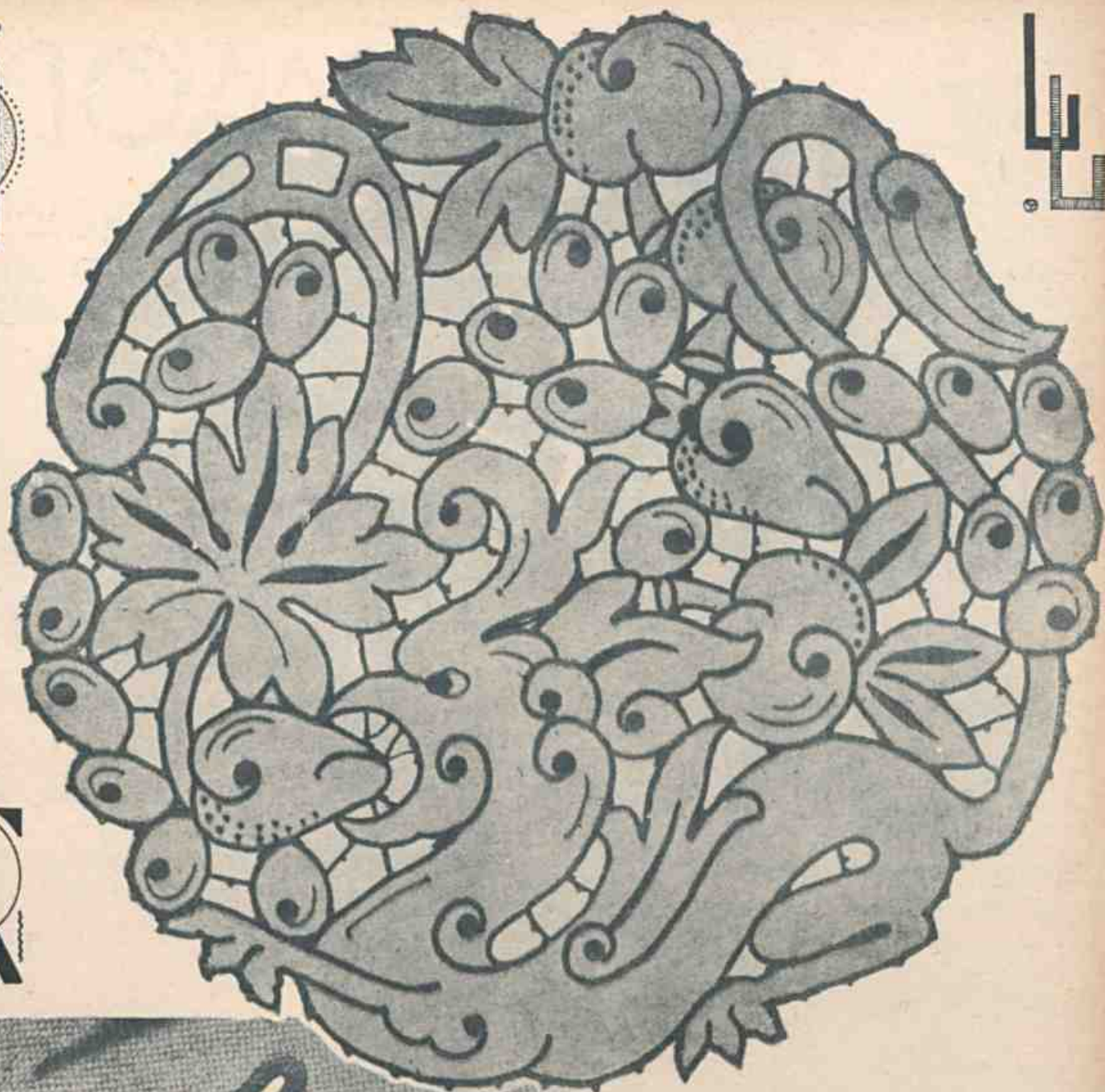
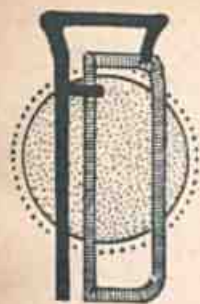
7 — Sunga de linho rosa com um pintinho de linho branco festonnado de preto, flores bordadas de preto, com ponto de haste.

8 — Pyjama de cambraia estampada, em listras de azul claro, golla e demais guarnições azul marinho.

9 — Sunga de "taffetas" côr de limão, golla de seda plissada, branca.

10 — Sunga de "shantung" azul celeste, bordados azul marinho.

11 — Sunga de cambraia vermelha, golla, punhos e bolso de cambraia branca pospontada de preto.

FEMININA

ALMOFADA

Num linho grosso, trançado largo, natural de colorido, "festonné" com linha brilhante, grossa, branco cinza. O motivo impresso pode servir para uma almofada que levará fôrro de setim verde periquito, ou, em proporção maior, a centro de mesa de jantar. A' parte um trecho em tamanho que melhor dirá do modo por que será feito o bordado.

DE TUDO UM POUCO

HOLLYWOOD

Emil Jannings.

Emil Jannings, o interprete admiravel de "Variété" e "Anjo Azul", aqui de parceria com Marlene Dietrich, ali com a saudosa Lya de Putti, escreveu que "Hollywood" é um "paiz ideal para aventureiros com a unica ambição de obter dinheiro com facilidade; mulheres certas da beleza fisica, cruzando os braços á espera de um sorriso da fortuna; homens monstruosos de fealdade que têm na terra do cinema os mesmos titulos que a formosura — confiam na conversão do fisico horrivel num manancial de moedas doiradas. Pelas ruas circulam corpos prodigos em adiposidade, creaturas esqueleticas, gigantes e anões, gente forte e invalidos. Um só desejo move essa multidão: fazer-se vêr, distinguir-se dos demais, sempre alerta ao primeiro aceno", ao sinal que destacará uma dentre os "quarentas milhões" de almas alvoroçadas pela sensação da gloria na téla de prata.

TAITÍ

Uma belleza taitiana

E' segundo Loti, a ilha das mulheres adoradas. Alguem mais escreveu que a maioria dos que habitam a terra paradisiaca nunca poderia comprehender que a carne seja inimiga da alma. Tudo na ilha convida a amar: a temperatura de primavera, as selvas immensas, a existencia serena e facil, livre dos problemas economicos.

Taití fica entre as ilhas da Oceania, e se destaca pela sua "frescura virginal", um doce paganismo, simplicidade flagrante.

Homens e mulheres adornam-se de flores — azaléas e heliotropo. E amam. Amam sem a preoccupação de que existe pelas outras bandas do globo terrestre um livro que as creanças decoram sem entender, donde faz parte o capitulo importante dos mandamentos da lei de Deus.

SONETOS DE AMOR

(Camões)

II

Eu cantarei de amor tão dôcemente,
Por uns termos em si tão concertados,
Que dois mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia e pena ausente.

Tambem, senhora, do despreso honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-ei dizendo a menor parte;

Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

SONETOS DE BOCAGE

Incitando-se a ganhar pela ousadia a posse da sua amada

Afflicto coração, que o teu tormento,
Que os teus desejos tacito devoras,
E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,
Só te vás explicar c'o pensamento;

Infeliz coração, recobra alento,
Sécca as inuteis lagrimas, que choras;
Tu cevas o teu mal, porque demoras
Os vôos ao ditoso atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o medo esfria;
Um bem tão suspirado, e tão subido.
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoute-se o vencido;
Longe o respeito, longe a cobardia;
Morres de fraco? Morre de atrevido.

Vestidos de linho.

Dois trajes esporte: o da esquerda, composto de "sweater" de lã "beige" e saia quadriculada de preto e branco, é para as que podem trocar o calôr cá de baixo pela brisa fresca das cidades serranas; o da direita: blusa de crêpe de seda branco bem alvo, saia de linho grosso azul bandeira.

FRASES

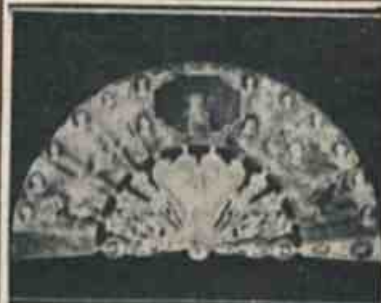
(Remy de Gourmont)

— Qualquer que seja a maneira de amar, o amor é sempre casto.

—:—

— Uma intelligencia sólida e bem equilibrada num corpo sadio, conformar-se-á em fazer o necessario para conservação do feliz estado vegetativo a que se habituou.

—:—

— Todo pensamento é uma haste que dará flôr e se converterá em fruto. Uns sugerem, interrogam o desconhecido, entrevêm a verdade; outros affirmam.

Leque antigo — Varetas de marfim bordadas a oiro, decorado com pinturas em gaze aveludada.

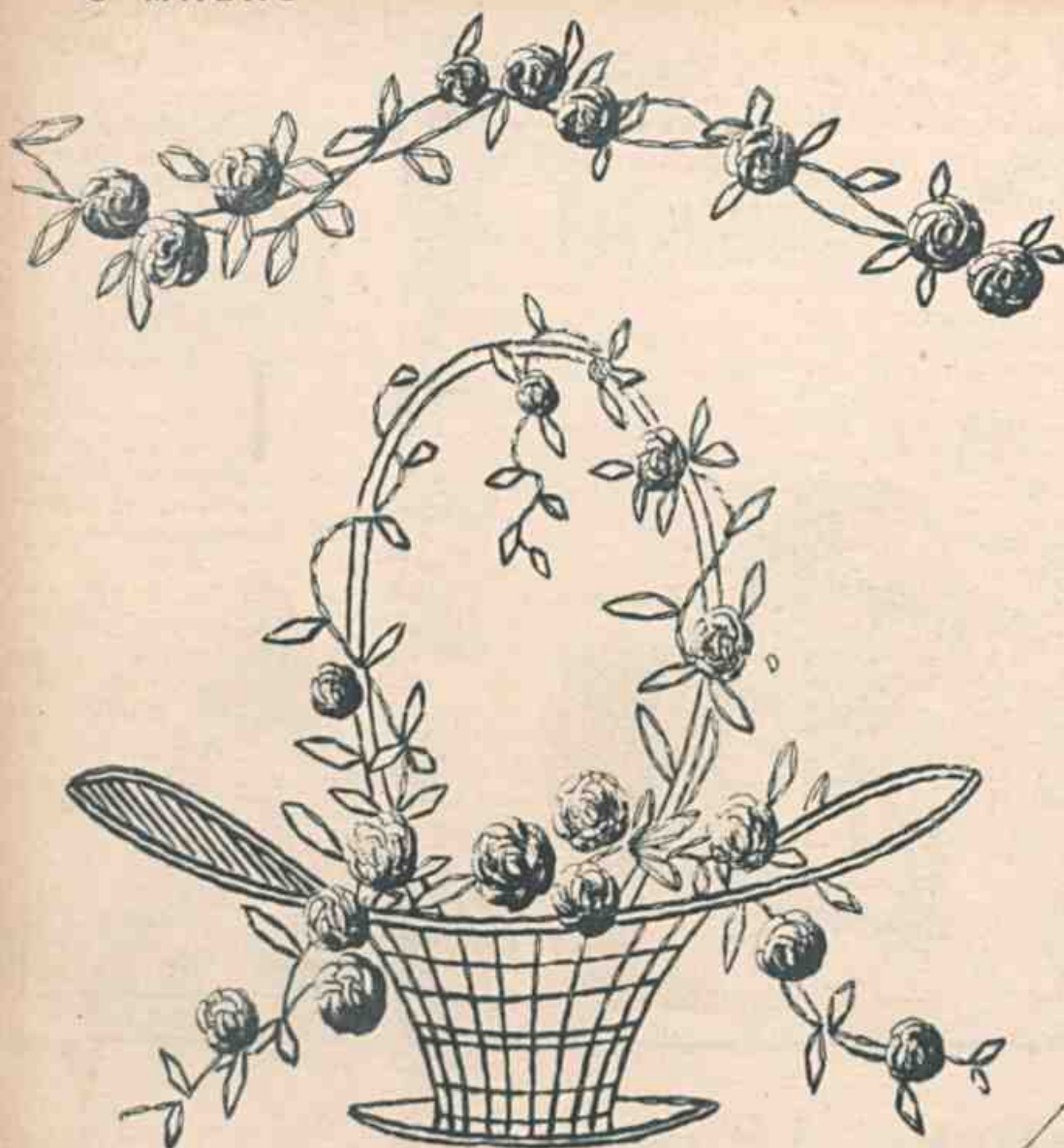
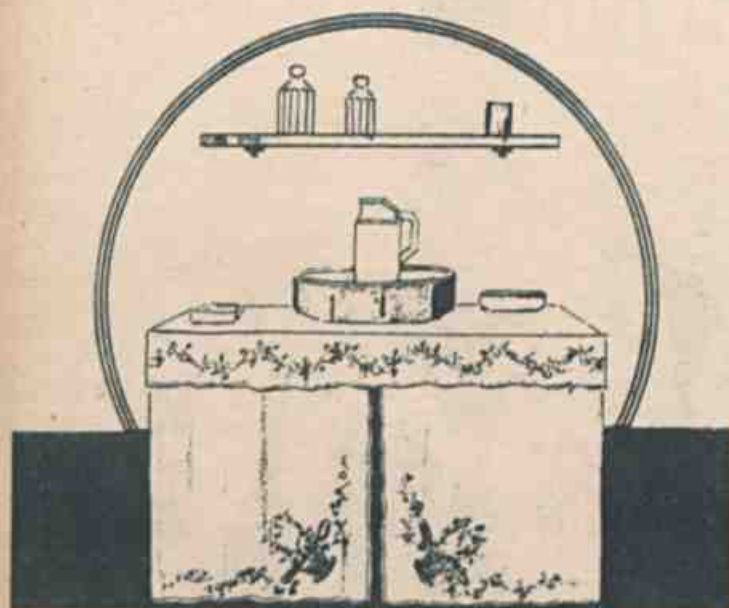
A DECORAÇÃO DO JARDIM

Na estação presente o jardim representa o logar da casa de maior atrativo. Pela manhã, á tarde ou á noite as horas passadas ao ar livre são as melhores.

Claro que a maioria das residencias não pode reservar para jardim um grande espaço de terra. No entanto, por menor que seja pode ser preparado de maneira agradavel — flôres e arbustos distribuidos graciosamente.

O jardim da atualidade é uma mistura do antigo e do moderno sistema de ajardinamento. De um lado as arvores geometricas que tanto sucesso fizeram na época de Luiz XIV; do outro o conforto de agora, tufos de roseiras em vasos laqueados, a preguiça das longas hastes verdes de samambaias enormes...

O mobiliario completa o conforto e a faceirice do jardim moderno. Cadeiras amplas, pintadas de branco ou de tonalidade forte com fôrro vistoso tambem; pequena mesa que possa comportar um aparelhamento de merenda ou de jantar: sempre redonda, por oferecer mais espaço, a parte de baixo guarnecida por uma prateleira pronta a guardar o trabalho que a nossa preguiça nos fêz abandonar de momento, o livro que parecia interessar-nos, porém o clarão do dia obrigou-nos a trocar por uns minutos de sonolencia...

Ao centro do jardim aqui impresso está um tanque, uma especie de miniatura de piscina, com agua clara, limpida, renovada sempre. Aliás, o jardim que se vê nesta pagina poderia bem ter uma piscina aproveitavel para banhos frios, o que tornaria mais confortavel e atraente.

Os passaros pintados de cinza claro e preto no "abat-jour" de papel celuloide branco azulado, são bordados a seda branca e seda cinza claro na almofada de setim preto, como os verdadeiros bordados japonezes. Como se vê é decoração de belo efeito num canto de sala ou de *studio*.

Mesa simples, comum, póde ser transformada na penteadeira que aqui se vê. O pano que a envolve é uma especie de "toile de soie" grossa, colorido pastel, bordados com os motivos em separado: grinalda e cêsta em ponto de haste, as flôres com a linha torcida na agulha, formando as petalas. A cêsta pode ser bordada de "marron" ou de preto; folhas verde fraco, hastes verde garrafa.

O uso de cremes para a pelle

DR. PIRES
(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Um rosto lindo é o mais bello de todos os espectaculos. Uma mulher joven e cheia de encantos, em pleno ardor da mocidade, não precisa lançar mão de artificios para conquistar a formosura. O mesmo não acontece com as desprotegidas pela natureza que não tenham recebido esse presente regio e ambicionado que é a belleza.

O uso de cremes é indicado em tres casos: para a toilette diaria, como preventivo e, finalmente, actuando de modo therapeutico.

Na primeira hypothese, como uma fina camada superficial, para fixar o pó de arroz; preventivamente, quando se quizer evitar as irritações do sol ou as variações de temperatura (bordo dos vapores, passeios de automoveis, praias, montanhas, etc.), e no terceiro caso, no tratamento da seborrhéa, anhydrose (pelle secca), cravos, acnés, (espinhas), ou outras affecções, do dominio exclusivo da medicina.

E' necessario usar os cremes todas as vezes que uma causa qualquer procure estragar ou envelhecer um rosto.

A applicação de um creme constitue verdadeira sciencia e não é coisa tão facil como parece á primeira vista.

Antes de usal-o é obrigação saber-se qual a qualidade da epiderme que se tem em vista, pois, do contrario, em logar de beneficiar, virá prejudicar a pelle.

A escolha de um bom creme é questão basica, isto e, para cada qualidade de pelle faz-se mister um determinado producto.

Dahi o grande escrupulo que o medico deve ter quando quizer indicar ou receitar tal ou qual creme.

Os cremes podem ser usados pela manhã, á tarde ou á noite, mas ao deitar, salvo indicações especiaes devem ser retirados, pois é sabido por todos que o tegumento cutaneo tem necessidade de respirar, e a permanencia do creme durante todo o espaço do tempo reservado ao somno fecharia os orificios das glandulas, impedindo dessa forma as funcções normaes da pelle.

UMA CONSULTA GRATIS

As nossas gentis leitoras que desejarem gratis uma consulta sobre hygiene, cabellos e demais questões de embellezamento, podem dirigir-se ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As consultas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Sachet, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

3.º TORNEIO DE 1933 — N.º 17

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 34 — 25 JANEIRO

PREMIOS:—1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2/3, 1/2 dos pontos, e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados, segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates quando precisos. O premio de 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. Souza.

LIVROS adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição pequena); Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos); A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier: Vocabulario Monossyllabico, de Caminha. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves); Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 61 a 66

2—2—Fitando o "*quadro pequeno*" da "*rimalha*" proferiu solemne *juramento*.

Luar (G. T. A. — Th. Ottoni, Minas)

1—2—*Estás* com o *pézinho* do "*toureiro*".

Castrinho (Gente Nova, de Corumbá)

1—1—*Algum* assucar, pequena porção d'agua, e tereis um pouco de garrafa.

De Souza (Capital)

2—2—*Grande gosto*, não escarneça do que digo, faço com minha *advocacia*.

Mawercas (Capital)

2—2—*Foi na barra do leito* que este "*animal*" comeu o "*laparto*".

Edipo (Curityba, Paraná)

1—2—Não sei a "*procedencia*" deste lindo "*canto de igreja*", que estou ouvindo; sei, entretanto, que quem o compoz é um homem de honra.

Lily Quagliata (São Paulo)

CASAES 67 a 70

3—Ao *premio* está ligado o meu esforço.

Vivi (Grupo dos XX, de Piracicaba)

4—*Mulher* má é peor do que *serpente*.

V. Neno (Grupo dos XX, de Piracicaba)

2—Ha *difficuldade* em encontrar a "*urze*".

Ananias (Gente Nova, de Corumbá)

3—Tenho somno quando fico em *repouso*.

Americo (Gente Nova, de Corumbá)

SYNCOPADAS 71 a 74

3—2—"*Cavallo*" deve ser animal isento de "*sarna*".

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

3—2—Tirar *proveito* sem trabalho já é viver com *defeito*.

Athenas (Belém, Pará)

3—2—*Caldo de canna* não é bebida *gentil*.

Capichoto (Gremio Capichaba, E. Santo)

3—2—O "*carregador*" de marmitas, lá da minha rua, é homem de muita *coragem*.

De Souza (Capital)

ENIGMA 75

Justo co'a prima Sinhá
Eu vejo certa beldade,
Que entre os moços da cidade
Porfia provocará.

V. Neno (G. dos XX, Piracicaba)

CHARADAS 76 a 78

Muito "aquem" desse riacho,—1—
Para "agrado" dos meninos,—2—
Mandei fincar um balanço,
Que trouxe dos Apeninos.

Era linda a pequenada
Na brincadeira segura!...
Limpava o campo das hervas,
Tirava-lhe a *varredura*.

Era um logar muito ameno!...
Distrahia o pessoal!...
Que boa lembrança tive!...
Stou contente, é natural!...

Marechal (Rio)

Um padreco em confissão—1—
Deu ordem a tal Maria,—2—
Que lhe trouxesse biscoutos
E copos de malvasia...
Não gostou disso a cachopa,
Que se foi em gran furor
Queixar-se, do seu paiz,
Ao querido "imperador".

Marechal (Rio)

Eu com um pedreiro-livre
Fui á pesca, quinta-feira;
Levei isca em quantidade—2—
P'ra durar a noite inteira.

Mas, duas horas [depois.
Que é da isca que eu [escondia!...
O tal de pedreiro-livre—2
Papára tudo que havia!...

Que companheiro voraz!!...
Foi enorme a minha zanga,
Que lhe parti a cabeça
Com uma grande moganga!

Marechal (Rio)

DECIFRADORES

TOTALISTAS

K. Niveta e Alvasco (ambos de Recife), Dama Verde, Lolina, Agama, Cirio, R. Said, Helianthо e Velhusco (todos 7 de São Salvador, Bahia), 25 cada.

OUTROS DECIFRADORES

Strelitz e Lyrio do Valle (ambos de Belém, Pará), Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia), Etiel, Euristo e Vasco Dias (Lisboa, Portugal, todos 3), Pizarro (Lorena, São Paulo), Lidaci e Mawercas (ambos desta Capital), 24 cada; Dr. Kean (São Paulo), Americo, Ananias, Scylla, Canhoto e Castrinho (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), 22 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 21 cada; Candinho (Bananal, São Paulo), 20; Capuchinho, Capichoto e Capichola (todos 3 do Gremio Capichaba, de Espirito Santo), 19 cada; Tercio-Filho e Ricardo Mirtes (ambos de Recife), Thalia (Cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul), 18 cada; De Souza (Capital), Miguelzinho (Jequié, Bahia), 14 cada; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 10; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba do Norte), 3.

DECIFRAÇÕES

76 — Escapulario; 77 — Leitora; 78 — Quebra-esquinas; 79 — Roquete; 80 — Rimbombo; 81 — Desfarçado; 82 — Pistacia; 83 — Abatido; 84 — Cega, cego; 85 — Medido, medida; 86 — Damo, Dama; 87 — Talho, talha; 88 — Balanço, baço; 89 — Surmonto, surto; 90 — Momota, mota; 91 — Surtida, surda; 92 — Furioso (frio, uso); 93 — Finito (ni, fito); 94 — Echacorvos; 95 — Bem-fazer; 96 — Geralistas; 97 — Malmequer; 98 — Adjectivado; 99 — Girasol Oriental; 100 — Raposa que muito tarda, caça aguarda.

NOTA — Não comprehendemos bem a decifração — *Aspero* —, que alguns charadistas mandaram para 92. E' bem justo, portanto, que peçamos maiores explicações a respeito, afim de que possamos decidir com a mais plena justiça, tanto mais que os que conseguiram tal solução nem siquer nos informaram sobre o diccionario exacto em que a mesma se encontra satisfazendo, completamente, toda urdidura do trabalho em questão. *Barulho*, batalho tambem precisa de justificação dentro do prazo regulamentar.

LOGOGRIPHO 79

Saudade, beijos, lembrança
Mandas-me de bem distante;
Nessa *scena*, creança,—3,8,6,5,4
Eu noto um quê dissonante.

O progresso não "*conquista*"—2,7,10,11,1
Os affectos da amisade;
Não quero senão á vista
Lembrança, beijos, saudade...
Saudade, lembrança, beijos
De longe não servem, não;
Pois não matam meus desejos
E nem *repouso* me dão...—11,12,2,6,9

"*Volta*", pois, gentil creança,—5,12,10,3,4
Pois que a lonjura magôa;
Saudade, beijos, lembrança
Eu quero mesmo em pessoa...

V. Neno (G. dos XX, Piracicaba)

PRAZOS

Terminarão: a 14, 19, 25 e 27 de Fevereiro proximo e a 1 e 6 de Março seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

MARECHAL

PITTORESCO 80

Nazareno (R. P. — São Paulo)

PARA provar que o hybridismo não é, em nenhum caso, a fonte de novas especies, o sabio Flourens, do seculo passado, emprehendeu a reproducção de chacaes com cães. O mestiço da segunda geração não ladrava, mas já tinha as orelhas pendentes pela extremidade, e era menos selvagem. O mestiço da terceira geração ladrava, tinha as orelhas pendentes, a cauda levantada e não era mais feroz. O da quarta geração era completamente um cão. Em 1864, Flourens dizia "que ha só um numero de especies que se podem cruzar e produzir.

Annuario das Senhoras

EDIÇÃO
MODA E BORDADO

1934

UMA verdadeira joia, uma reunião de todos os assumptos de interesse feminino, desde os arranjos e decoração do lar aos requintes da toilette, aos cuidados de belleza da mulher estão no Annuario das Senhoras. Modas, bordados, receitas, penteados, cuidados das mãos, da pelle, dos olhos, decorações em geral, musica, poesia, arte do lar, cinema, sport, theatro, chiromancia — uma edição de luxo, em rotogravura, com 400 paginas — no Annuario das Senhoras — o maior encantamento do espirito feminino — Em todos os jornaleiros e livrarias. **Preço 6$000.**